ROBERT A. JOHNSON

HE

A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina



MERCURYO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ROBERT A. JOHNSON

HE

A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina



MERCURYO

Índice

INTRODUÇÃO
I - O REI PESCADOR
    ESTÁGIOS DE EVOLUÇÃO
    NOSSO BOBO INTERIOR
II - PARSIFAL
    A JORNADA DE PARSIFAL
    O CAVALEIRO VERMELHO
    GOURNAMOND
    BRANCA FLOR
III - CASTIDADE
    HUMORES E FEELING
    DEPRESSÃO E INFLAÇÃO DO EGO
    FELICIDADE
IV - O CASTELO DO GRAAL
    O CASTELO DO GRAAL PERDIDO
    O COMPLEXO MATERNO
V - OS ANOS ESTÉREIS
VI - A DONZELA TENEBROSA
VII - A LONGA BUSCA
    O EREMITA INTERIOR
    A SEGUNDA VISITA AO CASTELO DO GRAAL

Este é um trabalho de divulgação de livros encontrados por mim na internet para que possa
proporcionar o benefício de um acesso àqueles que não teriam um outro meio para tal.
Segundo a filosofia budista existem quatro formas de generosidade:
- Partilhar os ensinamentos que geram paz interior da forma adequada à mente e à cultura das
pessoas, sem esperar pagamento ou recompensa.
- Oferecer coisas materiais, como nosso corpo e nossos recursos.
- Oferecer proteção, consolo e coragem. Podemos proteger os outros de perigos
e outros humanos, de não-humanos e dos elementos.
- Oferecer amor (oferecer incondicionalmente aos outros nosso tempo, apoio emocional, energia
positiva e boas vibrações).



Após sua leitura considere, dentro do possível, a possibilidade de adquirir o original, pois assim você
estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

HE - A CHAVE DO ENTENDIMENTO DA PSICOLOGIA MASCULINA
AUTOR: ROBERT A. JOHNSON
EDITORA: MERCURYO

INTRODUÇÃO

Sempre que desponta na História uma nova era, um mito a acompanha, mostrando como que uma antevisão do que vai acontecer e trazendo em si sábios conselhos para lidar com os elementos psicológicos desse período. No mito de Parsifal e a busca do Santo Graal encontramos a receita para nosso próprio tempo. Ele apareceu no século XII, século que muitos estudiosos dão como marco da era moderna. Idéias, atitudes e conceitos com os quais convivemos hoje tiveram seu aparecimento nos dias em que esse mito tomou forma. Pode-se dizer que os ventos do século XII transformaram-se nos vendavais do século XX.

O tema desse mito esteve muito em voga nos séculos XII, XIII e XIV, propiciando várias versões, mas aqui usaremos a francesa, que é a narrativa mais antiga, extraída de um poema de Chrétien de Troyes.[1] Há também uma versão de Wolfram von Eschenbach[2] e outra inglesa, *Le Morte Darthur,*[3] do século XIV, época em que a história já estava muito elaborada e por demais complexa. E tantas vezes foi editada que grande parte das suas verdades psicológicas espontâneas se perdeu. Já a francesa, por ser mais simples, mais direta, portanto mais próxima do inconsciente, é a mais útil aos nossos propósitos.

Faz-se necessário lembrar que o mito é uma entidade viva que existe dentro de cada um. Se o imaginarmos como uma espiral girando sem cessar em nosso interior, seremos capazes não só de captar-lhe a forma viva e verdadeira, como também de sentir como ele é vivo dentro da nossa própria estrutura psicológica.

O mito do Graal trata da psicologia masculina, e tudo quanto acontece dentro da lenda pode ser tomado como parte integrante do homem. Mas isso não quer dizer que seja restrita ao homem, pois a mulher também participa com seu lado masculino interior.

Teremos de nos haver com um fascinante cortejo de formosas donzelas, mas precisaremos enfocá-Ias como parte da psique masculina. Não obstante, as mulheres também se interessarão pelos segredos do mito do Santo Graal, pois que todas terão de enfrentar uma dessas criaturas tão invulgares, ou vulgares, ou seja, o macho da espécie, de uma forma ou de outra - pai, marido ou filho. Mas a verdade é que a mulher participa diretamente do mito, já que é a história de sua masculinidade interior. Especialmente a mulher moderna, que cada vez mais é

parte integrante do mundo masculino. Ao abraçar uma profissão, o desenvolvimento de sua masculinidade torna-se importante para ela. Tanto a masculinidade da mulher quanto a feminilidade do homem estão, aliás, mais próximas do que se possa imaginar. Os *insights* desse mito são práticos, diretos, de fácil compreensão e aplicação em nossa era.

I - O REI PESCADOR

Nossa história começa com o Castelo do Graal e seus terríveis problemas, pois o Rei Pescador, monarca do castelo, foi ferido. Seus ferimentos são tão graves que o impedem de viver, mas, por outro lado, não o levam à morte. Ele geme, ele grita, ele padece o tempo todo. A propriedade é uma desolação só, pois as terras espelham as condições de seu rei, tanto na dimensão mitológica quanto na física. Assim, pois, o gado não mais se reproduz, as plantações não vingam, os cavaleiros são mortos, as crianças ficam na orfandade, as donzelas choram, há lamentos e gemidos por toda parte - tudo porque o Rei Pescador está ferido.
A idéia de que o bem-estar de um reino depende da virilidade ou do poder de seu governante é bastante comum, especialmente entre os povos primitivos. Nas áreas menos civilizadas do mundo ainda existem sociedades onde o rei é executado quando não mais pode gerar descendência. Simplesmente o matam em meio a cerimônias, algumas vezes vagarosamente, outras, de formas horríveis. A crença é a de que o reino não vai prosperar sob um rei fraco ou enfermiço.

---

1. Poema chamado Percival de Galois, ou Contes de Grail. (N.T.)
2. Versão usada para o libreto da ópera Parsifal, de Richard Wagner. (N.T.)
3. Da autoria de Sir Thomas Malory. (N.T.)

Assim, o Castelo do Graal está com sérios problemas porque o Rei Pescador está ferido. O mito nos conta que um belo dia, anos atrás, ainda durante a adolescência, ele estava percorrendo os bosques, praticando para ser um cavaleiro andante, quando deparou com um acampamento abandonado.

Curiosamente, porém, havia um salmão[4] sendo assado num espeto.
Faminto, serviu-se de um pedaço do peixe, sem perceber que estava muito quente. Seus dedos se queimaram de uma forma horrível. Deixou o peixe cair e levou os dedos à boca para aliviar a dor. Ao fazê-lo, pôde sentir um pouco do gosto do salmão, um gosto que jamais poderá esquecer. Essa é a ferida do Rei Pescador, assim chamado por ter sido ferido por um peixe, e que empresta seu nome ao que rege boa parte da psicologia moderna. O homem que sofre, hoje, em nossos dias, é o herdeiro direto desse evento psicológico, que culturalmente teve lugar há coisa de oitocentos anos.
Outra versão da mesma história diz que o jovem Rei Pescador, subjugado pelo *amour,* saiu em busca de alguma experiência para satisfazer sua paixão. Outro cavaleiro, um pagão muçulmano, após haver tido uma visão da Cruz Verdadeira, saiu para encontrar uma manifestação de sua busca. Os dois se encontraram face a face e, como bons cavaleiros, baixaram o elmo e prepararam a lança para se baterem. O choque foi terrível, o cavaleiro pagão foi morto e o Rei Pescador foi ferido na coxa, o que arruinou seu reino por anos e anos.
Que espetáculo! O cavaleiro que teve a visão e o cavaleiro da sensualidade batem-se num combate mortal. Instinto e natureza, de repente, sendo atingidos pela visão de uma "colisão" espiritual. Assim é o cadinho dentro do qual é forjado ou o mais alto nível de evolução ou um conflito fatal, capaz de promover a destruição psicológica.
Até tremo ao ver as implicações de tal embate, pois ele nos deixa o legado da morte de nossa natureza sensual e um ferimento "terrível em nossa visão cristã. Dificilmente o homem de hoje se livra dessa colisão em algum momento de sua vida, o que poderá levá-lo a terminar nesse estado descrito em nossa história: sua paixão é morta e sua visão, muito ferida.
A história de São Jorge e o dragão, que foi adaptada de um mito persa do tempo das Cruzadas, diz mais ou menos a mesma coisa. Em sua luta contra o dragão, ele e seu cavalo são mortalmente feridos e teriam morrido não fosse a coincidência de um pássaro bicar uma laranja (ou uma lima) da árvore sob a qual jazia São Jorge, e uma gota do suco vital cair em sua boca. Levantou-se e, sem perda de tempo, espremeu um pouco do elixir da vida na boca de seu cavalo e o reviveu. Ninguém pensou em reviver o dragão.
Há muito o que aprender com o símbolo do Rei Pescador ferido. O salmão, ou mais genericamente o peixe, é um dos símbolos de Cristo. Como na história do Rei Pescador que descobre o salmão sendo assado, um garoto, nos primórdios de sua adolescência, toca algo da sua natureza crística, no seu íntimo - que é seu processo de individuação -; só que o faz prematuramente, sem nenhum preparo. Ao ser ferido por ele, deixa-o cair por estar quente demais. Mas, ao levar o dedo

queimado à boca, prova seu sabor, e esse gosto jamais será esquecido. Seu primeiro contato com o que mais tarde virá a ser sua redenção, causa-lhe uma ferida. É o que o torna um Rei Pescador ferido. O primeiro lampejo de consciência no jovem aparece sob a forma de uma ferida ou um sofrimento. Muitos homens ocidentais são Reis Pescadores, e todo garoto ingenuamente tropeça em algo que é muito grande para si. Ele dá um passo na direção de seu desenvolvimento masculino, mas, por estar quente demais, "deixa-o cair". É natural que apareça nele uma certa amargura: como o Rei Pescador, ele ainda não consegue viver com essa nova consciência, que ele tocou mas ao mesmo tempo não é capaz de "deixá-la cair" totalmente.
Todo adolescente recebe sua ferida-Rei-Pescador. Não fosse assim, jamais conseguiria a consciência. Se você quiser compreender um jovem que já passou pela puberdade é preciso que isso fique bem claro. Virtualmente, todo menino tem as feridas do Rei Pescador. É o que a Igreja chama de *felix culpa,* ou seja, a queda feliz que conduz o indivíduo a seu processo de redenção. É a queda do Jardim do Éden, ou seja, a evolução da consciência ingênua à total consciência do *self.*

---

4. O "peixe da sabedoria" - *Salmon of Wísdom* - da tradição céltica, que queima as mãos, mas que uma vez na boca confere sabedoria. (N. T.)

É doloroso ver um rapazinho dar-se conta de que o mundo não é feito só de alegria e felicidade, como pensava, e observar a desintegração de seu frescor infantil, de sua fé, de seu otimismo. Triste, porém necessário. Se não formos expulsos do Jardim do Éden não poderá haver a Jerusalém Celestial, e na liturgia católica do Sábado de Aleluia há uma bela passagem a esse respeito: "Oh! queda feliz, pois que deu a oportunidade para tão sublime redenção!"
A ferida do Rei Pescador pode coincidir com um ato de injustiça, ou seja, alguém ser acusado de algo que não fez. Lembro-me de uma passagem da autobiografia de Jung em que ele se refere a um professor que leu todos os trabalhos que seus colegas haviam feito, pela ordem das melhores notas, à exceção do seu. E o professor disse: "Há aqui um trabalho que suplanta em muito todos os outros, mas que é obviamente um plágio. Se eu puder encontrar o original, por certo que o farei expulsar da escola". Jung trabalhara muito e a criação era sua. Nunca mais confiou naquele homem nem no sistema de ensino depois desse incidente. Para ele, essa foi sua ferida-Rei-Pescador.
Parsifal encontra sua experiência-Jardim-do-Éden através de um pouco do salmão, e o ferimento fica com ele até sua redenção ou iluminação, anos mais

tarde.

ESTÁGIOS DE EVOLUÇÃO

De acordo com a tradição, potencialmente existem três estágios no desenvolvimento psicológico do homem. O padrão arquetípico é aquele em que um ser passa da perfeição inconsciente da infância para a imperfeição consciente da meia-idade para, depois, atingir a perfeição consciente da velhice. Assim, o ser caminha partindo de uma plenitude ingênua, onde o mundo interior e o exterior estão unidos, para um estágio em que se dá a separação e a diferenciação entre esses dois mundos, denotando, portanto, a dualidade da vida, para, finalmente, atingir o *satori*, a iluminação - quando acontece uma reconciliação *consciente* do interior com o exterior, em harmoniosa totalidade.[5] Estamos testemunhando o desenvolvimento do Rei Pescador do primeiro estágio para o segundo. Não se pode ainda sequer falar do último estágio, antes de ele haver completado o segundo. Não é possível discorrer sobre a unicidade do Universo antes de dar-se conta de sua dualidade e separação. Poderemos fazer toda sorte de acrobacias mentais para falar da unidade de todas as coisas; mas não há chance de atuar realmente na unidade se não conseguirmos diferenciar o mundo interior do exterior. Temos de deixar o Jardim do Éden antes de empreendermos a jornada para a Jerusalém Celestial. O irônico é que ambos são o mesmo lugar; mas essa jornada precisa ser feita.

O primeiro passo do homem para sair do Éden e entrar no mundo da dualidade é sua ferida-Rei-Pescador: a experiência da alienação e do sofrimento que vai impulsioná-lo para o início da conscientização. Com relação ao garoto, essa ferida muitas vezes perturba seu relacionamento com o meio que o cerca. Quando ele dá seu primeiro passo na direção da individuação, isto é, quando toca seu salmão pela primeira vez, começa a ser alguém por si próprio. Mas o processo só se iniciou, está longe de ser completado, o que significa que ele foi expelido do coletivo, deixando de ser um carneiro no rebanho. Seu relacionamento com outras pessoas e com a vida está destruído, mas ele não está distanciado o suficiente, o que significa que ainda não se tornou um indivíduo que possa relacionar-se bem com a vida. Diríamos que ele está numa espécie de limbo, porque afinal de contas não está nem aqui nem lá. Assim, na medida em que é um Rei Pescador, ele não consegue relacionar-se bem.

Alienação é um termo que exprime bem essa situação: somos pessoas alienadas, pessoas existencialmente solitárias, carregamos as feridas do Rei Pescador.
O mito também nos diz que o rei foi ferido na coxa, o que nos faz lembrar a passagem bíblica sobre Jacó lutando com o Anjo. Jacó é ferido na coxa. O toque de algo transpessoal - um anjo ou Cristo na representação do peixe - deixa uma terrível ferida, que grita incessantemente por redenção. O ferimento na coxa significa que o homem foi atingido na sua capacidade de gerar, na sua habilidade para relacionar-se.

---

5. Assunto tratado por]ohnson em sua obra *Transmutação* - O *Caminho da Consciência,* que trata do processo dos três níveis de consciência acessíveis ao homem e os analisa através dos exemplos de *Dom Quixote, Hamlet* e *Fausto.* (N. T.)

Existe outra versão da história, em que o Rei Pescador é ferido por uma flecha que lhe trespassa os testículos. A flecha não pode ser retirada, em nenhuma direção - nem para a frente, para que passe por inteiro, nem para trás, pois isso o dilaceraria. Outra vez ele é descrito como muito enfermo para viver, mas ao mesmo tempo não tão ferido que possa morrer.
Grande parte da literatura moderna versa sobre a perda e a alienação dos heróis. Mas essa alienação também é visível no semblante dos que encontramos pelas ruas - a ferida do Rei Pescador é o carimbo do homem moderno.
Duvido muito que haja uma só mulher em todo o mundo que não tenha assistido silenciosamente à agonia de seu companheiro, no seu aspecto-Rei-Pescador. Pode ser que ela venha a perceber no seu homem - muito antes de ele próprio dar-se conta - o sofrimento, a sensação persecutória de injustiça e falta de plenitude, do vazio. Sofrendo dessa forma, o homem é muitas vezes levado a fazer coisas estúpidas na tentativa de curar a ferida e suavizar o desespero que sente. É como se buscasse uma solução inconsciente, fora de si próprio, queixando-se de seu trabalho, do casamento ou do lugar que tem no mundo. Pode até, nessa fase, tentar encontrar uma outra mulher.
O Rei Pescador é transportado numa liteira, por onde quer que vá, e está sempre gemendo e gritando em seu desespero. Para ele não há alívio a não ser quando está pescando. Isso significa que aquela ferida, que representa a consciência, só é suportável quando o ferido está executando seu trabalho interior, dando prosseguimento à tarefa da conscientização, da individuação, que ele, despreparado, iniciou com o ferimento em algum momento de sua juventude. Essa estreita ligação com a pesca logo tomará um lugar importante em nossa

história.
O Rei Pescador preside à sua corte no Castelo do Graal, onde o Santo Graal - cálice da Última Ceia - é guardado. A mitologia nos ensina que o rei que governa nossa corte interior confere a ela e a todos os aspectos de nossa vida o tom e o caráter. Se o rei está bem, estamos bem; se as coisas estão bem dentro, também tudo estará bem fora. Com o Rei Pescador ferido presidindo à corte interior do homem ocidental de hoje, podemos esperar muito sofrimento e alienação. E assim é: o reino não floresce; as colheitas são mínimas; as donzelas vivem desconsoladas; as crianças, órfãs. Tal eloqüente linguagem nos mostra um arquétipo básico ferido que se está manifestando através de problemas em nossa vida exterior.

NOSSO BOBO INTERIOR

Todas as noites é feita uma cerimônia muito solene no Castelo do Graal. O Rei Pescador, como sempre carregando seu sofrimento, de sua liteira assiste: a uma procissão de profunda beleza e significado. Uma linda donzela traz a lança que perfurou o flanco de Cristo, na Crucificação, outra leva a pátena usada para o pão da Última Ceia e outra, ainda, traz o próprio Graal brilhando por efeito de uma luz que sai do seu interior.
A cada um é servido o vinho do Graal, e todos têm seus mais recônditos desejos instantaneamente satisfeitos, mesmo antes de serem expressados. Todos, menos o ferido Rei Pescador, que não pode beber do Graal. Por certo que essa é a privação das privações: impedido de ter acesso à essência da beleza e do sagrado, justamente quando estão bem à tua frente, é o mais cruel dos sofrimentos. Todos são servidos, exceto o rei, e todos também têm a Consciência de que seu próprio ponto central é falho, porque seu rei não pode partilhar o Graal.
Lembro-me de uma vez em que a beleza me foi negada da mesma maneira. Durante uma viagem que fiz para passar o Natal com meus pais, há muitos anos, eu estava particularmente solitário e de mal com o mundo. Passei por São Francisco e parei na minha querida Grace Cathedral. Estava programada para aquela tarde uma apresentação do *Messias,* de Haendel, por isso resolvi ficar para ouvir essa obra inspiradíssima. Nenhum outro lugar é tão próprio para ouviIo, pois a construção é muito grande, seu órgão é excelente e o coro,

magistral. Pouco depois do início senti-me tão mal, tão infeliz, que fui obrigado a sair. Foi aí que percebi que a busca da beleza ou da felicidade era vã, pois eu não conseguia nem tomar parte na beleza que estava ao alcance de minhas mãos! Nenhuma dor é pior ou mais amedrontadora do que nos darmos conta de que nossa capacidade para o amor, beleza ou felicidade é limitada. Nenhum esforço exterior é possível se nossa capacidade interior está ferida. Essa é a ferida do Rei Pescador.

Quantas vezes as mulheres já não disseram para seu marido: "Veja todas as coisas boas que você tem; nossos rendimentos nunca foram maiores; temos dois carros; sempre tiramos dois ou três dias nos fins de semana. Por que é que você não pode ser feliz, afinal de contas? O Graal está ao seu alcance. Por que é que você não pode ser feliz?"

O homem é incapaz de dar como resposta: "É porque sou um Rei Pescador, estou ferido, e, apesar de ter tudo, não consigo chegar à felicidade".

Mais um sofrimento soma-se à sua dor: a tão almejada felicidade está ao alcance de suas mãos mas para ele é intocável. O fato de ter todas as coisas que o poderiam fazer feliz não adianta, porque elas não cicatrizam as feridas do Rei Pescador, e ele sofre justamente pela sua incapacidade de tocar as coisas boas, a felicidade que tem ao seu alcance.

O mito nos ensina a cura para o dilema que retrata; e o do Graal faz uma afirmativa profunda sobre a natureza dos males de nossos dias e prescreve sua cura, em termos bem estranhos.

Continuemos, pois, com nossa história. O bobo da corte (e toda corte que se preza tem seu bobo) profetizara, havia muito tempo, que o Rei Pescador se curaria quando um perfeito tolo, totalmente ingênuo, chegasse à corte e fizesse uma pergunta bem específica. Qualquer corte medieval que se prezasse entenderia isso, e nem por um instante as pessoas ficariam surpresas de que um jovem totalmente ingênuo pudesse ser a solução para todos os seus problemas. Para nós, porém, é um choque saber que um tolo pode ter a resposta para a nossa mais dolorosa ferida. Muitas são as lendas que põem nossa cura nas mãos de um tolo ou de alguém ainda mais improvável que tenha esse poder. O povo, então, passou a esperar diariamente pelo bobo ingênuo que um dia chegaria para curar seu rei.

O mito está dizendo que é a parte inocente do homem que o curará de sua ferida-ReiPescador. Sugere, assim, que se alguém pretende curar-se deverá reencontrar algo no seu interior que tenha a mesma idade e a mesma mentalidade de quando foi ferido. Mas também nos diz por que o rei não pode curar-se a si próprio e por que a pescaria alivia sua dor, apesar de não curá-Io de vez.

Para realmente sarar ele precisará permitir a entrada em seu consciente de algo

completamente diferente dele mesmo, para que esse *algo* o venha a mudar. Se ele continuar com a velha mentalidade do Rei Pescador não vai sarar. Por essa razão é que a parte jovem-tolo que o constitui deve entrar em sua vida se ele realmente quiser sarar.
Em meu consultório, algumas vezes, um paciente vocifera quando lhe prescrevo algo que acha estranho ou difícil: "Quem é que você pensa que eu sou? Um tolo?" E eu respondo: "Bom, isso bem que te ajudaria". É uma "medicina" muito humilhante para ser aceita.
É necessário que o homem aceite olhar seu lado inocente, tolo, adolescente, para conseguir curar-se. Só o nosso tolo interior pode tocar a ferida do Rei Pescador.

II - PARSIFAL

O mito deixa agora um pouco de lado a ferida do rei e passa para a história de um menino tão insignificante que nem nome tem, natural do País de Gales. Naquela época, qualquer país que geograficamente estivesse localizado nas fronteiras do mundo conhecido, e que culturalmente fosse atrasado, seria o lugar mais impensável para ser o berço de um herói. Isso nos faz lembrar o Herói que nasceu num lugar assim. "Que de bom pode vir de Nazaré?" Quem iria aventar a hipótese de que a resposta ao nosso sofrimento viria de Gales? O que significa que nossa redenção, segundo o mito, vem do lugar menos esperado. Novamente isso nos faz lembrar que será uma experiência muito humilhante descobrir qual o caminho para a redenção de nossa sofisticadíssima ferida-Rei-Pescador.
A palavra *humilde* vem de *humus*, que significa da terra, feminino, sem sofisticação. Encontramos na Bíblia: "A não ser que nos tornemos criancinhas, não entraremos no Reino dos Céus". Segundo Jung e sua tipologia da personalidade existem quatro funções superiores: o sentir, o pensamento, a percepção e a intuição, que constróem o temperamento. Uma pessoa educada tem ao menos uma dessas funções superiores, mas existem outras que lhes são opostas, por isso chamadas *inferiores*, e que também compõem nossa personalidade. Nossas funções superiores são responsáveis pela maior parte dos valores de nossa vida, pelo desenvolvimento e força de nossa personalidade, mas elas também nos levam à ferida do Rei Pescador. As funções inferiores, partes nossas que são menos distinguidas, é que nos vão curar aquela ferida. Assim, é a

faceta tolo-ingênuo-de-Gales que vai levar o Rei Pescador à cura.
Mas voltemos ao menino de origem tão baixa que nem nome tem. Mais tarde saberemos que se chama Parsifal - o tolo-ingênuo. Na realidade, o nome tem um significado mais profundo o que mantém os opostos juntos -, e já profetiza seu papel como aquele que cura, como o significado da palavra chinesa *tao.* É humilhante para um Rei Pescador depender de sua natureza-Parsifal para sua salvação, pois seu orgulho é pisoteado com isso.
Jung descreve, a esse respeito, uma ocasião em que se viu forçado a apoiar-se nessa sua virtude; e justamente o rompimento entre ele e Freud deu-se por causa da natureza do inconsciente. Freud dizia ser o inconsciente o repositório de todos os elementos inferiores de nossa personalidade, uma espécie de sucata de coisas reprimidas e sem nenhum valor em nossa vida. Já Jung insistia ser o inconsciente a matriz e o poço artesiano dos quais brota toda a criatividade. Como Freud não aceitasse essa afirmação, deu-se a ruptura entre ambos, o que foi assustador para o jovem e inexperiente Jung, ainda sem qualquer reputação. Pareceu-lhe estar acabando uma carreira antes mesmo de começá-Ia.
Mas foi para casa e decidiu que, se acreditava realmente que o inconsciente é a fonte da qual brota toda criatividade, teria de confiar nisso. Ele sabia onde buscar a cura para sua terrível ferida. E buscou-a em seu mundo interior. Trancou-se em seu gabinete e pôs-se a esperar pelo inconsciente.
Não demorou muito, levado por ele, viu-se sentado no chão a brincar com joguinhos infantis, o que o fez recordar-se de suas fantasias de criança. Pôs nelas toda a sua atenção. Durante meses, diariamente, trabalhou em privacidade suas fantasias e expressou-as nas construções de miniaturas de cidades, vilarejos e fortes, em seu quintal. Quando criança, havia fantasiado tudo isso. Confiava plenamente no seu sentir inocente, nessa experiência infantil, que foi para ele o início do extravasamento vindo do Inconsciente Coletivo - o legado da psicologia jungiana. Um grande homem que foi humilde o suficiente para confiar sua cura a Parsifal.
Parsifal - vamos chamá-Io assim, só lembrando que por enquanto não tem nome - é criado pela mãe, que se chama Dor de Coração, sem conhecer o pai, falecido, e sem nada saber a seu respeito. Sem irmãos ou irmãs, cresceu em circunstâncias primitivas, usando roupas grosseiras tecidas em casa, vivendo sem qualquer instrução, na mais completa ignorância. Não faz nenhuma pergunta. Simplesmente um jovem ingênuo. Na mitologia, freqüentemente o jovem redentor não tem pai, é solitário e criado humildemente.
Um dia, em seus primeiros anos de adolescência, enquanto brincava fora de casa, avista cinco cavaleiros que se aproximam. Eles cavalgam usando todos os seus equipamentos: atavios vermelhos e dourados, armadura, escudos, lanças,

tudo, enfim, que a Cavalaria adotava. Ofuscam o pobre Parsifal de tal maneira que ele sai correndo para contar à mãe que vira cinco deuses. A visão fora tão maravilhosa que ele quase explode de emoção e decide partir imediatamente para juntar-se a tão magníficos reis.
A mãe chora convulsivamente depois de perceber que nada poderia fazer para dissuadi-Io de seguir as pegadas do pai, que também fora um cavaleiro e encontrara a morte ao tentar salvar uma donzela. Ela havia feito de tudo para ocultar dele sua linhagem, mas mãe nenhuma consegue manter o filho longe do perigo quando o sangue do pai começa a ferver em suas veias.
Dor de Coração (a personagem como é vista por qualquer mãe) conta então a Parsifal como haviam morrido seu pai e seus dois irmãos, também cavaleiros. Para que o filho não tivesse o mesmo triste destino, levara-o para um lugar afastado onde pudesse protegê-Io. Mas agora, diante do irremediável, faz-lhe a revelação, cobre-o de bênçãos e libera-o de seus laços. Mas não resiste à tentação de dar-lhe conselhos na hora da partida. Tais conselhos vão ecoar através de todo o mito. É bom, portanto, prestar atenção a eles: que respeitasse sempre as donzelas; que fosse à igreja de Deus sempre que necessitasse de alimento; e que nunca fizesse muitas perguntas, o que é sempre um bom conselho para um rapaz falastrão, o que não é o caso de nosso herói. Mais adiante, porém, veremos que este foi um conselho desastroso. Como presente, ela lhe dá uma única roupa, tecida e confeccionada por ela mesma. Portanto, conselhos e roupa são os legados que vão reverberar durante toda a história e fazer parte das complexidades que se nos irão apresentar.

A JORNADA DE PARSIFAL

Parsifal sai todo feliz da vida à procura dos cinco cavaleiros e dá início à sua carreira como homem. A todos que passam por ele faz a mesma pergunta: "Onde estão os cinco cavaleiros?" Obtém várias respostas, todas as formas de conselho, um sem-fim de comentários - e todos diferentes uns dos outros.
O olhar de um adolescente, no momento em que fizer a pergunta "Onde estão...?" será sempre de perplexidade. O jovem tem seu primeiro vislumbre de significado e valor na forma da quintuplicidade da vida, e a busca se prolonga ao longo da vida adulta, por experiências que a fortalecerão. O número *cinco* significa a totalidade da vida e é a raiz da palavra *quintessência,* a quinta

essência. Cinco significa totalidade, inteireza. O cinco está em toda parte, porém indefinido, e também em parte alguma. "Onde estão os cinco cavaleiros?" é uma pergunta vagamente definida, e eles poderão estar em todos os lugares e em nenhum.

Parece cruel que um garoto de 16 anos vislumbre a inteireza e parta logo em seguida à busca do reforço dessa virtude. Mas essa é a motivação de qualquer real vida espiritual.

Em sua busca, Parsifal dá em uma tenda. Como em sua vida só conhecesse a cabana em que crescera, não tinha a mínima idéia do que fosse tenda. Para ele, era o lugar mais maravilhoso que já vira, e por isso presume que está diante de uma catedral divina, tal como as histórias de sua mãe descreviam. Num arroubo, invade a tenda para rezar e encontra uma formosa donzela. É a primeira de um cortejo de brilhantes, belas e incompreensíveis donzelas com as quais nos teremos de haver.

Imediatamente se recorda das instruções de sua mãe sobre como deveria comportar-se com as mulheres: honestamente, respeitosamente. Acreditando que fosse um ato de adoração, abraça-a impulsivamente, tira-lhe do dedo um anel e coloca-o em seu próprio dedo, como um talismã que será sua inspiração pelo resto de sua vida. Você já teve a oportunidade de observar um jovem em seu primeiro encontro? É sempre Parsifal invadindo a tenda da linda donzela pela primeira vez em sua vida.

O jovem se lembra de que sua mãe lhe havia dito que sempre que necessitasse de alimento fosse à igreja de Deus. Bem ali, diante dele, encontra toda sorte de comidas dispostas numa mesa de banquete. Acontece que a donzela estava esperando com aquele belo banquete por seu amado cavaleiro, que a vinha cortejando. Para o jovem, porém, era a comprovação de que a profecia estava realizando-se à perfeição: era o templo de Deus, ali estava a formosa donzela e tudo o que ele pudesse desejar para comer. Tudo exatamente como sua mãe lhe dissera. Senta-se e come, achando que a vida é muito agradável, afinal de contas.

Nessas alturas, a jovem começa a dar-se conta de que está na presença de um ser extraordinário. Não se zanga com a sua conduta porque vê que está diante de alguém realmente santo, simples e singelo. Mas implora a Parsifal que saia imediatamente porque se seu cavaleiro chegasse e o encontrasse ali com ela o mataria no ato.

Parsifal aquiesce e sai da tenda, achando que tudo estava correndo às mil maravilhas e que a vida era mesmo muito boa. Afinal, havia encontrado a igreja de Deus, uma donzela arrebatadoramente linda, cujo anel ele agora usa, e, ainda por cima, fora alimentado. Tudo na mais perfeita ordem.

O CAVALEIRO VERMELHO

Não muito longe dali, Parsifal se depara com um mosteiro bem junto de um convento, ambos em ruínas. Os monges e as freiras se encontravam muito angustiados porque, embora o Santo Sacramento estivesse sobre o altar, estava fora de alcance. Ninguém podia aproximar-se dele. A lavoura não crescia, os animais não procriavam, as fontes haviam secado, as árvores, perdido os frutos. O curso natural das coisas estava interrompido. Uma terra completamente paralisada.

Os mitos repetem o mesmo tema muitas e muitas vezes, de modo diverso, mostrando um mesmo princípio que se manifesta em diferentes níveis. E é por isso que a situação do convento e do mosteiro é semelhante àquela do castelo do Rei Pescador. A região devastada, com a Hóstia Sagrada intocada no altar, identifica a situação com uma condição neurótica. Ter ao alcance das mãos tudo aquilo de que necessita e não poder usar é a condição angustiante da estrutura neurótica do homem dividido e fraturado.

Vivemos na época mais rica que a humanidade já presenciou. Hoje temos mais do que qualquer povo historicamente já teve, e, ainda assim, algumas vezes, fico a imaginar se também não seríamos as criaturas mais infelizes que já estiveram na face da Terra. Alienados, somos verdadeiros Reis Pescadores, somos mosteiros sobre os quais sortilégios foram lançados.

Parsifal vê tudo isso e não tem forças para mudar o que lá acontece. Promete, porém, que para ali voltaria um dia, quando fosse mais forte e capaz de desfazer o encantamento que pairava sobre o mosteiro. De fato, um dia volta lá e o dissolve.

Retomando suas andanças, ele encontra um enorme cavaleiro vindo da corte de Arthur e sua Távola Redonda. É o Cavaleiro Vermelho. Tão forte que na corte todos se sentiam impotentes diante dele. Chegava e tomava à força tudo quanto quisesse. Sempre fazia o que desejava. No momento do encontro trazia nas mãos uma taça de prata roubada da corte.

Parsifal se encanta com o Cavaleiro Vermelho, que usa armadura e túnica escarlates. Também são escarlates os arreios e a sela do cavalo e os atavios de cavaleiro. Uma figura magnífica. O rapaz o faz parar e lhe pergunta o que já havia perguntado a todos quantos encontrara: que fazer para tornar-se também um cavaleiro? O Cavaleiro Vermelho fica tão perplexo diante daquele jovem

ingênuo e tolo que resolve não lhe fazer qualquer mal e o aconselha a ir para a corte de Arthur, que o sagraria cavaleiro. E com uma sonora gargalhada prossegue seu caminho.
Chegando à corte, Parsifal dirige-se ao primeiro escudeiro que encontra e lhe pergunta como poderia ser um cavaleiro. Caçoam dele, claro, por causa de sua ingenuidade, das roupas grosseiras e da espontaneidade da sua pergunta. Dizem-lhe, então, que a Cavalaria pressupõe uma vida árdua e que, ademais, ser cavaleiro era uma honra conquistada depois de demonstrar muito valor e nobres trabalhos. Mas Parsifal continua insistindo na pergunta, até que, finalmente, é levado à presença de Arthur em pessoa. O rei é um homem bom, não caçoa do jovem, mas dizlhe que precisa aprender muito, mas muito, e também é necessário ser versado em todas as artes da Cavalaria, ou seja, batalha e cortesania, antes de sua sagração. Ele entende.
Naquela corte havia uma donzela que por algum problema não ria nem sorria havia seis anos. Corria uma lenda segundo a qual quando ali chegasse o melhor cavaleiro do mundo a donzela explodiria em risos e gargalhadas. Não é que no instante em que essa jovem vê Parsifal desata a rir, cheia de alegria? É lógico que todos na corte se maravilham com o fato: aparentemente, o melhor cavaleiro do mundo havia aparecido! Estava ali esse jovem ingênuo, em suas pobres roupas feitas em casa, totalmente sem cultura, e a donzela estava rindo. Extraordinário!
Até que o lado Parsifal da natureza do homem venha à tona, há nele uma parte feminina que jamais sorriu, que é incapaz de ser feliz e que ganha a alegria de viver quando Parsifal desabrocha. Quando alguém consegue despertar o Parsifal num homem, outra parte de sua natureza imediatamente fica feliz.
Tive uma experiência dessas recentemente, quando um senhor me foi procurar no consultório, em prantos, porque a vida lhe estava insuportável. Era difícil conversar com ele, pois não conseguia ver nada além do lado triste da vida. Assim, resolvi contar-lhe velhos contos e levei-o a participar deles. Fiz também com que seu lado Parsifal viesse à tona, e ele encontrou suas virtudes infantis. Em pouco tempo estava rindo, e a donzela dentro dele - que não conhecera a alegria por seis anos desatou a rir. A partir daí sentiu que tinha energia e coragem para preencher sua vida. O despertar de Parsifal no homem proporciona vida dentro dele.
A corte, ao ver que a donzela triste voltara a rir, trata de levar Parsifal a sério e o rei Arthur o sagra cavaleiro ali mesmo. Mas um camareiro do rei revolta-se com esse ato real, empurra o jovem contra uma lareira e, ato contínuo, esbofeteia a donzela. Parsifal, furioso, jura vingança pela jovem insultada. Dirige-se ao rei e lhe diz: "Tenho um pedido a fazer. Quero o cavalo e a armadura do Cavaleiro

Vermelho". Sua bravata foi recebida com gargalhadas, porque nenhum cavaleiro da corte fora tão forte a ponto de enfrentar tal personagem. Arthur também ri mas acede: "Tens minha permissão para ficar com ambos, se conseguires tomá-Ios".

Parsifal agora já está todo equipado, tinha até seu próprio escudeiro, que lhe traz uma espada. (Sou bem curioso, gostaria muito de saber de onde vem essa espada, mas não encontrei qualquer referência.) Ele simplesmente *tem* uma espada, talvez aquela que os meninos recebem por herança natural.

Ao deixar a corte, Parsifal cruza com o Cavaleiro Vermelho, um ser impressionante, forte o suficiente para fazer sem receio o que bem entendesse, pois na corte não tinha opositor. Havia roubado a taça de prata, o Cálice, sem que ninguém conseguisse detê-lo, e como último insulto atirara uma taça de vinho no rosto da rainha Gwinevere.

Uma vez mais Parsifal fica deslumbrado com os atavios do Cavaleiro Vermelho e, na sua ingenuidade, pára o cavaleiro e pede-lhe sua armadura e o cavalo. Divertido com a pretensão do jovem tolo à sua frente, responde-lhe com uma gargalhada: "Ótimo, se puderes consegui-los!"

Os dois tomam posição, como é de praxe entre cavaleiros. Depois de um breve combate, Parsifal é ignominiosamente atirado ao solo, mas, enquanto caído, atira sua adaga e mata o Cavaleiro Vermelho, atingindo-lhe o olho. Essa foi a única morte causada por Parsifal e representa uma etapa muito importante no desenvolvimento de um jovem.

Esther Harding, em seu livro *Psychic Energy*, discorre em profundidade sobre a evolução da energia psíquica desde o estágio do instinto ao da energia controlada pelo ego. No instante em que mata o Cavaleiro Vermelho, Parsifal transporta uma grande quantidade da energia de seu adversário - o instinto - para si próprio, como ego. Poder-se-ia dizer que nesse momento deixou a adolescência para tornar-se homem. Um desenvolvimento posterior lhe será exigido quando, uma vez mais, deverá levar essa quantidade de energia do ego ao *self* ou àquele centro de gravidade que é maior do que qualquer vida individual. Mas isso é uma história que veremos mais adiante.

No decorrer de sua carreira, Parsifal derrota dúzias de cavaleiros, mas somente mata o Cavaleiro Vermelho. Aliás, é a única morte da versão francesa. De cada cavaleiro derrotado, o jovem consegue extrair a promessa de que se apresentaria à corte de Arthur e se colocaria a serviço daquele nobre rei. Esse é o verdadeiro processo de nobreza na vida do homem, e é o ponto alto dessa meia etapa de sua carreira.

Nenhuma explicação é dada para a morte do Cavaleiro Vermelho. Dá o que pensar se nos pusermos a analisar o que poderia ter acontecido em nossa cultura

ocidental se esse cavaleiro tivesse sido mandado para servir Arthur e sua corte, ao invés de ter sido morto.
Um estudo dos ensinamentos indianos fornece um caminho alternativo para lidar com a energia do Cavaleiro Vermelho dentro de nós. Tais ensinamentos recomendam que se reduza a dualidade entre Bem e Mal na vida - e assim se diminua o poder do Cavaleiro Vermelho -, porque, dessa forma, em vez de matar aquela virtude energética, poderíamos acrescentá-Ia ao ego. Mas nossa maneira ocidental é partir pela senda heróica, lutar - matando ou conquistando - e encontrar a vitória.
Na vida do jovem, a vitória sobre o Cavaleiro Vermelho pode tanto ser conseguida na dimensão interior quanto na exterior. Ambas as formas são efetivas. De qualquer maneira, o Cavaleiro Vermelho representa o estofo viril, forte e masculino de que qualquer garoto tanto necessita. Assim, se o cavaleiro for morto externamente, o rapaz adquire a virilidade masculina, por ter superado um grande obstáculo. Ao derrotar ou ultrapassar um adversário ao longo do seu caminho, numa contenda que requeira dele muita coragem, de alguma forma ele adquire o poder do Cavaleiro Vermelho.
Muitas destas vitórias têm lugar nas diversas competições, em algum teste de resistência ou em qualquer outro tipo de triunfo. Uma das coisas mais amargas da vida é que geralmente se ganha algo em detrimento de outrem, ou seja, o jovem ganha a armadura do cavaleiro depois de matá-lo. A vitória parece mais doce na presença de outro que perdeu. Talvez isso seja inerente à masculinidade, mas também pode ser uma fase de evolução, que um dia será superada. Hoje, subjugar o Cavaleiro Vermelho é um ato cruel e sanguinário.
Portanto, sob esse enfoque, não existem vitórias sem derrotas, o que significa que também ele terá de perder algumas vezes. Em algum ponto de sua vida, entretanto, vai precisar apoderarse da armadura do Cavaleiro Vermelho para ser o vencedor, o número um. Para os jovens, é uma questão de vida ou morte.
Muitas vezes é necessário um grande número de experiências do tipo Cavaleiro Vermelho para se conseguir essa energia; mas se o jovem não tomar cuidado poderá passar o resto da vida comportando-se como esse cavaleiro, ou seja, como um ferrabrás. Muitas vezes os homens colocam competitividade em tudo - o que denota sempre um certo traço de adolescência. Talvez muito do fascínio das Iutas, da guerra, do encanto pela vida militar tenha suas bases na estrutura Cavaleiro-Vermelho.
Mas existe também uma dimensão interior na disputa - Cavaleiro-Vermelho. Para tornar-se homem, o garoto precisa dominar sua própria agressividade, essa energia rude e bruta dentro dele. O que também é efetivo. Precisa mesmo saber *como* ser agressivo, uma vez que há necessidade de sê-lo, mas de uma forma

controlada, para que tal energia esteja a seu dispor conscientemente. Deixar-se vencer pela ira e a violência não é bom sinal, pois mostra que sua masculinidade ainda não está formada. Significa que psicologicamente foi derrotado no seu interior pelo seu Cavaleiro Vermelho. Seu ego jaz prostrado, o cavaleiro interior venceu, emergindo como um ferrabrás terrível, de gênio violento, que age como um vândalo e chega até a assumir condutas criminosas. Mas também pode tomar a forma de um homem tímido e derrotado.

Assim, todo menino, no seu processo para tornar-se adulto, tem de aprender como dominar seu lado violento e integrar em sua personalidade consciente essa terrível tendência masculina que leva o homem à agressão.

Visto pelo ângulo do descontrole da agressividade, o Cavaleiro Vermelho é a *sombra* da masculinidade, o negativo, o lado potencialmente destrutivo.[6]

Para realmente tornar-se um homem, a personalidade-sombra precisa ser trabalhada, não pode ser reprimida, pois ele necessita do poder masculino de sua sombra-Cavaleiro- Vermelho para abrir caminho no mundo adulto e tornar-se um vencedor. A questão é fazer seu ego forte o suficiente para não ser vencido pela ira.

Obviamente, tanto a batalha interior quanto a exterior são etapas do trabalho. Para vencer o oponente de fora e tornar-se "o bom", o garoto precisará ser capaz de reunir e dirigir suas energias masculinas de modo a superar sua covardia e seu desejo de ser sempre protegido pela mamãe. Portanto, se não vencer sua luta interior não vencerá os adversários fora dele. Acontece, porém, que serão poucos os que obterão essa vitória apenas interior. O confronto com obstáculos externos, que desafiam sua vontade e identidade, é necessário para consolidar definitivamente a masculinidade dentro de si.

Parsifal agora está de posse da armadura e do cavalo do Cavaleiro Vermelho, pois naqueles tempos *vencer* significava *ter;* ou seja, tinha a energia do vencido sob domínio e, como vencedor, podia usá-Ia.

Ele tenta vestir a maravilhosa armadura, mas, como jamais vira algo tão complicado quanto uma fivela, não o consegue. Um escudeiro, vindo da corte para ver como estava transcorrendo o embate, ajuda Parsifal com os mistérios das fivelas, fechos c todas as outras coisas complicadas da Cavalaria. Mas, horrorizado, adverte: "Tira essa medonha roupa que tua mãe te deu, antes de colocar a armadura; isso não fica bem para um cavaleiro" . O jovem se recusa e teima em manter a roupa tecida pela mãe. Tal fato vai ter sérias repercussões mais tarde, e vamos precisar de toda a compreensão possível para entender a implicação desse agarrarse-à-roupa-da-mamãe.

Cabeça dura, Parsifal veste a armadura sobre a roupa tecida em casa, monta o cavalo do Cavaleiro Vermelho e segue viagem. Qual é o garoto que não impõe

sua recém-descoberta masculinidade, ou seja, sua qualidade de cavaleiro, a seu complexo materno? A rigidez da Cavalaria não funciona bem quando ela mal encobre num homem o seu complexo materno.
Mais um mistério: apesar de conseguir fazer o cavalo andar, ninguém jamais o ensinara a freá-Io. Por isso andam o dia inteiro, até que, na mais completa exaustão, o animal pára. Você se recorda de algum projeto iniciado na adolescência, até fácil de começar, mas que depois escapou totalmente do seu controle?

GOURNAMOND

Parsifal vai dar no castelo de Gournamond, que se torna uma espécie de padrinho para o jovem. Um padrinho é uma bênção para um garoto quando ele se está transformando num homem! A imagem do próprio pai talvez esteja um tanto desgastada para o filho, ou a comunicação entre pai e filho, na adolescência, um tanto reduzida. O adolescente está longe da independência, mas, por outro lado, muito orgulhoso para aproximar-se do pai e aconselhar-se com relação aos seus problemas íntimos. É raro encontrar um lar, nos dias de hoje, em que persista a intimidade entre pai e filho adolescente. É, portanto, nesta fase que o garoto necessita de um padrinho, um homem que vai dar continuidade ao seu processo de treinamento, depois que ele perdeu o contato com o pai.

---

6. V. *Owning Your Own Sbadow, de Jobnson*, ainda sem título em português, a ser publicado pela Editora Mercuryo, São Paulo. (N. T.)

Gournamond é o padrinho arquetípico e passa um ano preparando Parsifal nos caminhos da fidalguia. Treina-o, apara-lhe algumas arestas (entre outras coisas, Gournamond conseguiu tirar do rapaz as roupas grosseiras que ele usava por baixo da armadura do Cavaleiro Vermelho) e ensina-lhe o necessário para a busca do verdadeiro espírito da Cavalaria.
Gournamond passa ao jovem informações vitais para que consiga tornar-se um

homem: não deveria jamais seduzir uma donzela, ou deixar-se seduzir por ela, e teria de sair à busca do Castelo do Graal com todas as suas forças. Lá chegando, deveria fazer uma pergunta muito específica: "A quem o Graal serve?" De que serviria um nobre cavaleiro não fosse para esse nobre objetivo? As duas primeiras instruções de Gournamond são passíveis de discussão, e logo logo encontrarão seu lugar em nossa narrativa.
De repente, Parsifal se lembra de sua mãe e sente urgência de partir. Um pressentimento de que ela está em apuros o assalta. Gournamond tenta dissuadi-Io, mas não adianta. Ele parte. Talvez seja necessário conseguir acumular um pouco de masculinidade antes de entrar em contato com a energia feminina da mãe, outra vez. E foi o que Parsifal fez.
Ele parte, pois, ao encontro da mãe. Fica sabendo que logo após sua partida ela morrera de coração partido. Você se lembra de que o nome dela é Dor de Coração, o que faz parte integrante da maternidade. É claro que Parsifal se sente terrivelmente culpado pela sorte da mãe, o que também é parte de seu desenvolvimento masculino.
Nenhum filho consegue a maioridade sem que, num certo sentido, seja desleal para com a mãe. Se ele permanecer ao lado dela, consolando-a e confortando-a, não logrará libertar-se do complexo materno. É comum que a mãe faça tudo para conservar o filho junto de si, e uma das formas de consegui-Io, uma das mais sutis, é inculcar-lhe a idéia de conservar-se sempre leal a ela. Ai dele, porém, se se submeter completamente, pois ela acabará por ter junto de si um filho com a masculinidade gravemente enferma. O filho deve cavalgar e deixar a mãe, mesmo que isso se pareça com deslealdade; a ela, por sua vez, caberá suportar esse golpe.
Mais tarde, como Parsifal, o filho poderá voltar para a mãe e, juntos, poderão descobrir um novo relacionamento, em um novo nível. Mas isso só poderá acontecer após ter o filho atingido sua independência e transferido seu afeto para uma mulher - a *interior,* ou seja, seu lado feminino, ou a *exterior,* isto é, uma companhia feminina mais ou menos da mesma idade que ele. Em nosso mito, a mãe de Parsifal morre logo após sua partida. Talvez ela represente aquela espécie de mulher que só tem existência própria como *mãe,* e que psicologicamente *morre* quando esse papel lhe é tirado, por sua incapacidade de tornar-se um ser individual. Só o que sabe é ser *mãe.*

BRANCA FLOR

Muitos encetam suas jornadas vida afora em boa fé, mas com muito pouco entendimento psicológico sobre o porquê de estarem em um determinado caminho ou onde este vai dar. Muitas vezes as pessoas têm uma meta mas fracassam, não a alcançam, e, nesse caso, com freqüência, o próprio destino presta-Ihes um serviço inesperado, quando objetivos muito maiores poderão ser cumpridos. É o que ocorre com Parsifal quando sai em busca de sua mãe e encontra Branca Flor. É aí que ele encontra uma motivação muito maior para sua vida, antes de descobrir o Graal.

Parsifal nunca mais torna a ver a mãe, que está morta, mas, iniciada a viagem de volta, vai dar ao castelo de Branca Flor, a quem encontra em verdadeiro desespero, pois seu castelo está sitiado. A jovem lhe implora que resgate seu reino. Promete-lhe céus e terras caso ele a liberte do cerco inimigo. Seguindo a profunda lei que diz que "um homem não se dá conta de sua própria força até que dela necessite", Parsifal manda chamar o segundo homem em comando do exército inimigo, desafia-o para um duelo, vence-o heroicamente, poupa-lhe a vida no último momento e ordena-lhe que preste sua lealdade à corte de Arthur. Repete o mesmo feito com o primeiro no comando. Esse é o início de uma incrível sucessão de embates que irão aumentar o número de cavaleiros da fraternidade da Távola Redonda.

Este é um modo poético de esboçar o processo que Jung descreve como "recolocando o centro de gravidade da personalidade". Um processo delicado e altamente consciencioso de retirar energia do reservatório indomado de energia masculina para colocá-Ia no centro consciente da personalidade, que aqui é representado pelo rei Arthur e sua Távola Redonda. Nenhum empenho é mais nobre ou heróico que esse ideal, na primeira metade da vida de um indivíduo.

É servindo Branca Flor que Parsifal se dá conta de sua tarefa heróica; ela é sua amada e sua inspiração, o núcleo da ação heróica que está em tudo que ele realiza daí para a frente. Não foi por acidente que a busca por sua mãe levou o desajeitado Parsifal a encontrar aquela que o inspiraria, realmente o princípio animador de vida. É de grande beleza poética o nome que Jung deu a essa inspiradora dentro do âmago do homem, a *anima*, ela que anima e que é a fonte da vida no seu coração. Branca Flor, realmente, merece o nome que tem.

Sua conduta, no decorrer da história, seria terrivelmente deplorável caso a considerássemos uma mulher de carne e osso. Sim, tudo que ela faz é ficar em seu castelo como um símbolo de inspiração ou, talvez, como um talismã da representação do afeto, quando Parsifal, ocasionalmente, volta voando para usufruir um instante de sua beleza e confiança. Vista, porém, como sua feminilidade interior, lá no fundo do coração do homem, ela é o âmago da

inspiração e a que dá sentido às coisas. Uma rosa vinda das mãos da jovem, ou um olhar de aprovação, é o suficiente para dar motivação e força para a mais heróica das tarefas. Embora isso esteja expressado em termos medievais e encaixado nas artes da Cavalaria, não está menos presente no mais contemporâneo dos homens.
Depois de levantar o cerco de seu castelo, Parsifal volta e passa a noite com Branca Flor. São-nos dados todos os detalhes de como foi essa noite, e, apesar de contada de forma resumida, é bela: dormiram juntos, no mais íntimo dos abraços - cabeça com cabeça, ombro com ombro, quadril com quadril, joelho com joelho, pés com pés. Mas esse abraço foi casto, de acordo com os votos do cavaleiro, de que não seduziria nem se deixaria seduzir por uma formosa donzela; um voto que ele precisa manter, se quiser conseguir a visão do Graal. Parece difícil de acreditar, mas de repente se percebe que esse é um encontro interior, algo que se passou no íntimo de Parsifal.
O mito, aqui, repetindo o que já foi dito, não está tratando da mulher de carne e osso, quando cita Branca Flor, mas sim da mulher interior do homem, sua *anima.* É por demais importante fazer essa distinção entre a mulher exterior e a característica feminina que faz parte do interior do homem, e manter as leis internas diferenciadas das externas.
As leis da psique, as leis que regem a parte interior, são muito específicas, e freqüentemente distantes das externas. A questão de como tratar a mulher interior, e principalmente como diferenciá-Ia da de carne e osso, é a parte mais importante do mito.

III - CASTIDADE

A recomendação de Gournamond - nunca seduzir uma donzela ou deixar-se seduzir por ela - é tão importante para nossa história que vale ganhar um capítulo à parte.
É bom lembrar que a maioria das leis que regem os mitos aplica-se também aos sonhos, já que os estudos de uns e outros se assemelham bastante. Um sonho é praticamente algo interior, e cada etapa do sonho é interpretada como parte daquele que sonha. Exemplo: se um homem sonha com uma formosa donzela, é quase certo que sua própria feminilidade interior está sendo acessada. É muito

simplista levar ao pé da letra essa figura onírica e explicá-Ia como sendo um interesse sexual ou uma menção a uma real namorada. Se alguém cometer tal erro, a verdadeira profundidade do sonho estará perdida.[7] O mesmo ocorre no mito. Se tomarmos a recomendação de Gournamond no sentido literal, só teremos diante de nós uma caricatura da Cavalaria Medieval.

É, pois, de grande relevância entender essa estranha recomendação de que o homem não pode manter relações carnais com mulher alguma enquanto estiver à procura do Graal. Se pudermos penetrar seu significado teremos um tesouro nas mãos.

Mais uma vez, por favor, entendam que estas são recomendações específicas para que o homem possa lidar e relacionar-se com essa mulher interior, sua *anima.* Não se trata do relacionamento do homem com a mulher de carne e osso. Em geral as pessoas não sabem disso: falta-Ihes dimensão para tal. Então aplicam essa proibição exteriormente e, com isso, o mito, a Idade Média e todo o movimento da Cavalaria continuam sendo mal compreendidos.

---

7. V. *A Chave do Reino Interior* - Innerwork, de Robert A. Johnson (Editora Mercuryo, São Paulo, 1988). Essa obra fala melhor desse princípio, tratando de sonhos, fantasias e imaginação ativa. (N. T.)

Ninguém chega mais próximo da felicidade ou do Graal só por evitar mulheres de carne e osso. Se tomarmos essa lei - que é interna - e tentarmos aplicá-Ia externamente, vamos acabar puritanos e cheios de complexos de culpa. Aliás, o que praticamente acontece com todos nós. E ainda assim continuaremos sem leis para nossa conduta de foro íntimo. Muito poucas informações são dadas no mito sobre como tratar as mulheres de carne e osso, mas, em contrapartida, muitas são as que ensinam como tratar a interior. E é justamente destas que precisamos.

Pode-se pensar em muitos conceitos de âmbito espiritual que foram invalidados por terem sido tomados como externos, ao invés de internos. O nascimento de uma criança de mãe virgem é um deles. Este fato contém um poderoso significado para qualquer um que esteja caminhando pelo processo de individuação, porque ele nos fala do evento miraculoso - o nascimento de Cristo dentro de nós - que acontece através do relacionamento dos poderes divinos com a alma eterna dos homens.

Ver o nascimento de Cristo só como um evento histórico vai obscurecer a visão de uma lei vital que é necessária quando você for chamado a fazer aquela comunhão interior entre a alma humana e o Espírito Divino, que é a verdadeira

gênese da individualidade.
Muito de nossa herança espiritual é um mapa ou conjunto de ensinamentos do mais profundo significado de nossa vida interior, e não um conjunto de leis dirigidas às condutas externas. As leis que lidam com essa parte íntima devem tornar a vida interior significativa. Poucas são as pessoas que se dão conta dessa diferenciação. E mais: entender nossos ensinamentos religiosos somente na dimensão literal é perder sua significação espiritual. Ficar só na dimensão do materialismo é muitíssimo mais prejudicial para as pessoas do que aquilo que usualmente é condenado como "pecado".
Portanto, existem leis que regem a parte interior e leis que regem a exterior. Se as confundirmos, teremos um problema. Se um homem tratar a mulher exterior de acordo com as leis que regem sua feminilidade interior, a *anima,* acontecerá o caos.
Note-se o que aconteceu na Idade Média, quando o homem realmente começou a haverse com sua *anima.* Ela sempre existiu, mas só recentemente foi que ele teve capacidade de chegar a um relacionamento consciente com sua própria feminilidade. Antes, tudo era vivenciado instintivamente, em conjunto com as mulheres de carne e osso ao seu redor. Quando o homem começou a sentir a complexidade da *anima,* e o perigo que ela representava para ele, é que se iniciou a caça às bruxas. Em vez de dominar o interior feminino, que é perigoso, optou por queimar algumas criaturas que estavam comportando-se fora dos padrões. Agora estamos chegando ao ponto de queimar a mulher certa, a saber, a interior (apesar de que queimá-Ia não é a melhor solução, pois ela poderá voltar-se contra o homem e queimá-Io também). Não fomos muito a fundo na caça às bruxas no passado. Ainda estamos projetando fora - no nosso relacionamento, ou, na falta dele, com a mulher de carne e osso - nossa *anima.*
As leis da Cavalaria dizem que se deve ser cavalheiresco com a mulher, não tocá-Ia, tratáIa como se ela fosse a rainha dos céus. Mas essas regras não fazem muito sentido quando se fala da mulher real de carne e osso. Apesar de que existem, sim, leis externas também. A mulher exterior merece grande respeito e toda a ternura, mas será profundamente infeliz, e seu relacionamento com o homem não dará certo, se ele a confundir com a *anima.*
Então, que é essa feminilidade interior da qual Parsifal precisa manter-se afastado? É toda aquela suavidade inerente à feminilidade, muito valiosa, num sentido interior, mas que acabará por viciá-Io se ele a interpretar mal, vivendo-a externamente.
Para saber, portanto, como essa mulher interior age sobre o homem, precisaremos fazer uma distinção *entrefeeling* e *humores.* A maioria das pessoas confunde e mistura estas sensações indiscriminadamente, e a distinção se faz

necessária porque torna o homem apto para caracterizar sua mulher interior e enxergar com clareza como ela age em sua psique.

HUMORES E *FEELING*

É difícil descrever *feeling*; é o ato de avaliar, valorizar. Necessariamente não é quente e volátil como a emoção, mas é aquela faculdade *racional* que confere valor a uma sensação. Ser presa de algum tipo de humor é ser dominado ou possuído pela feminilidade interior. *Feeling* vem de *sentir* (em inglês, *to feel),* e sentir é a sublime arte de ter uma estrutura de valores e um sentido para o significado das coisas - lugar a que se pertence, a que se é fiel, onde se têm as raízes. Para definir *humor* fica mais difícil, porque não existe uma palavra adequada para "ser presa de humores"; é cair nas garras do lado feminino de nossa natureza, ser subjugado pelo elemento irracional que leva o caos à vida do homem.[8] O lado feminino existe para conectá-Io com as profundezas de seu ser e construir uma ponte para o seu *self.*

Feeling é aquela faculdade que confere valor a uma sensação. É neste sentido que Jung usa o termo nas definições de pensamento, *feeling,* sensação e intuição. Pensamos sobre algo, fazemos uma apreciação intelectual a respeito, e entendemos. Ao fazermos somente isto, porém, ainda não existe o *feeling* sobre o algo pensado. Não há ainda sentido de julgamento, não lhe conferimos valor, não houve, portanto, envolvimento total. O ato de pensar é bem diferente do ato de sentir, que é dar valor a uma sensação. Quando perguntamos a alguém qual foi o seu *feeling* a respeito de alguma coisa, a única resposta cabível do indivíduo seria: é bom, é mau, terrível ou belo. Teríamos dado, então, através do *feeling,* um valor a esse algo.
Quanto aos *humores,* o assunto é espinhoso, pois eles apresentam uma particularidade estranha: é como se fossem uma pequena psicose ou possessão, e aparecem no homem que foi dominado pela parte feminina de sua natureza. É o que se chama "estar de veneta".
Muitas vezes o indivíduo tem de fazer uma escolha entre *feeling* e *humores.* Um exclui o outro. Os humores impedem o *real feeling.* Se ele estiver entrando num tipo de humor - ou, melhor falando, quando um humor o "agarra" - ele

automaticamente estará excluindo sua capacidade para ter um *feeling* verdadeiro e, por conseguinte, relacionamento e criatividade. Na velha linguagem do mito, seduziu ou foi seduzido pela sua feminilidade interior.

Se um homem usar externamente sua feminilidade, ela não terá um pingo de eficácia, pois quando está completamente dominado por humores ele é como um relógio de sol, que não funciona à luz do luar. Sua *anima* lhe serve como a "musa inspiradora", quando manifestada no lugar certo, mas não lhe serve bem quando ele a usa como uma roupagem externa para relacionar-se com o mundo exterior. "Usar" é o termo correto, pois qualquer um ao seu redor vai sentir-se "usado" quando ele lida com o mundo enquanto presa dos humores. Sedução, mesmo! *Feeling,* ao contrário, é a parte sublime que integra o "equipamento" do homem para levar calor humano, gentileza e percepção.

Quantas vezes não projetamos nosso relacionamento com a *anima,* ou, à falta dela, na mulher de carne e osso. A mulher é um milagre da natureza, uma beleza que será obscurecida se tentarmos impingir a ela as leis aplicadas à mulher interior. Do mesmo modo, a interior será prejudicada se a tratarmos como se fosse a de carne e osso.[9]

É raro o homem que sabe bastante sobre seu componente interior feminino, sua *anima,* ou que consegue com ela manter um relacionamento satisfatório. No entanto, se ele pretende qualquer desenvolvimento interior, é essencial que descubra sua *anima,* que a coloque, por assim dizer, numa garrafa e a feche com uma rolha. É claro que vai precisar tirá-Ia de lá um dia, mas antes terá de aprender como não ser dominado por seus humores e, por conseguinte, suas seduções. Mas colocar a rolha e fechar a garrafa é só o primeiro passo para se lidar com a *anima.* a seguinte, e bem mais importante, é aprender como relacionar-se com ela, tê-Ia como a companheira interior que caminhará com ele e lhe trará calor, força e entusiasmo no decurso da vida.

Em última análise, ele só tem duas alternativas: ou a rejeita, e ela se voltará fatalmente contra ele em forma de humores e seduções insidiosas, ou a aceita e se relaciona bem com ela. Portanto, deixar-se cair nas garras dos humores significa que ele a interpretou mal, ou seja, tratou-a como a mulher de fora. É aí que perde de vez a capacidade de relacionar-se, de avaliar. E não importa se o humor é "bom ou mau".

---

8. *Humor,* exatamente falando, deveria ser a palavra estrita para descrever a experiência do homem, já que o mesmo fenômeno, com relação à mulher, é bastante diferente e requereria um outro termo. Mas esse outro termo não existe,

e não temos a linguagem adequada para descrever essa experiência paralela na vida da mulher. Neste contexto, o paralelo dos humores da mulher com relação aos do homem é que ela se rende ao seu lado masculino, assim ficando sujeita a uma característica áspera, rígida, desafiante, típica de uma masculinidade medíocre. Acontece o mesmo com relação aos humores do homem, os quais também denotam um tipo de feminilidade medíocre. Para maior elucidação do tema, ver *She - A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina* (Editora Mercuryo, São Paulo, 1993). (N. A.)
9. V. *We - A Chave da Psicologia do Amor Romântico*, também de Robert A. Johnson, Editora Mercuryo, São Paulo, 1987, para maiores esclarecimentos. (N. A.)

Alguns homens parecem ter um potencial de *anima* muito grande, o que significa que possuem mais do elemento feminino dentro de si. O que não é nem bom nem mau em si mesmo. Se conseguirem fazer com que seu lado feminino se desenvolva bem, tornar-se-ão criativos, sem deixar de ser másculos por causa desse poderoso componente. Serão capazes do *feeling*, de valorizar as coisas, e por isso encontrarão significado na vida, o que não acontece na falta desse relacionamento com a *anima*.
Tanto a genialidade quanto a criatividade de um homem são manifestações desse lado feminino, que lhe dá a capacidade de "dar à luz" algo. É, porém, a sua masculinidade que lhe permite dar forma e estrutura ao que fez nascer de si, no mundo exterior. O que o mito do Graal nos diz é que, no seu relacionamento com a *anima*, ele deve usar o *feeling*, não os humores. Parsifal é instruído a lidar com Branca Flor, isto é, a mulher interior, usando seu *feeling*, que é um sentido nobre, útil e criativo, e não valendo-se da sedução, que é destrutiva. Seduzir ou deixar-se seduzir é coisa vedada a alguém que busca o Graal, pois significa sempre uma prisão.
Goethe, em sua obra-prima *Fausto*[10], chega à nobre conclusão, já no fim da vida, de que a missão do homem é servir à mulher. Termina o livro com estas palavras textuais: "A Eterna Feminilidade nos impulsiona a seguir". Com certeza, uma referência à mulher interior. Servir ao Graal é servir a ela.
Portanto, assim que o homem se entrega aos humores não consegue mais sentir, perde a capacidade de avaliar e de relacionar-se. Qualquer mulher sabe disto e percebe perfeitamente quando o seu homem sucumbe a eles. Detecta em seus olhos aquele "olhar vidrado" e já sabe que não adianta insistir porque ele se fechou a qualquer relacionamento. Mesmo que os humores sejam "bons", sempre são uma forma de possessão. Além de tudo, ele também perde a

criatividade e a objetividade.
Na terminologia hindu, "estar nas mãos da deusa Maya" (nosso equivalente para os humores da *anima)* significa perder a noção de realidade e substituí-Ia por uma irrealidade esfumada. Ou seja, nos termos do mito, seduzir ou ser seduzido por uma donzela - a *anima* - faz desaparecer as chances de um homem chegar ao Graal. Bem, o mito, através de sua linguagem atemporal, muitas vezes carrega nas cores. A chance de ter a visão do Graal não está perdida para sempre, mas pelo menos enquanto durar a possessão não será possível. Os humores imprimem sua característica no mundo exterior, e toda a visão real do verdadeiro esplendor do mundo se esvai. Até que eles se dissipem, o homem estará fora de combate.
A pior particularidade da possessão dos humores é que rouba ao homem todo e qualquer discernimento. De repente, a noção do "lá-fora" é levada à vida interior, que fica totalmente insípida. O indivíduo fica à mercê do "lá-fora" para construir seus valores ou felicidade; tão dependente de cair nas graças de alguém, ou de adquirir alguma coisa, que perde o significado de sua dimensão interior, ou seja, o único valor estável que ele possui.
Todos sabem bem, na prática, o que acontece quando um homem se vê presa dos humores: tudo vai apresentar-se com as cores do humor que ele estiver "usando". Se "levantar com o pé esquerdo", tudo vai parecer-lhe insuportável. Ele "sabe", antes mesmo de ler o jornal matutino, que a Bolsa despencou. Para que olhar pela janela se ele tem certeza de que está chovendo? Está convicto de que a ordem das coisas está de ponta-cabeça, e que se elas ainda não chegaram ao caos ele mesmo vai dar um jeitinho para que cheguem. Ou seja, imprime na realidade exterior o tipo de humor que o domina, e isso é tão contagiante que logo logo mulher e filhos estarão convulsionados, se não forem sábios o bastante para perceber o que se passa.
Isso é particularmente verdadeiro para a esposa, pois ela se sente culpada pelo mau humor do marido: "Que foi que eu fiz?", ela se pergunta. O fato de o marido também achar que ela é culpada agrava ainda mais as coisas. No entanto, tudo estaria bem se a mulher se desse conta de que não é por culpa sua que o marido está em tal estado. Os humores do homem são problema dele, e se ela ficasse ao lado dele quieta, por algum tempo, e parasse de se sentir culpada, ele sairia logo desse estado.

---

10. Johnson faz um belíssimo estudo psicológico de Fausto em sua obra

Transmutação, além de analisar também Dom Quixote e Hamlet, a ser brevemente publicada pela Editora Mercuryo. (N. T.)

DEPRESSÃO E INFLAÇÃO DO EGO

Depressão e inflação do ego são outros nomes para humores. Ambas dão ao indivíduo a sensação de estar sendo dominado por algo que não é seu verdadeiro *self.* Isso representa para ele fraqueza e incompetência.

Os humores impelem o indivíduo a buscar coisas ou pessoas de fora na tentativa de dar um sentido de valor a algo dentro dele. Não funciona. Qual é o quarto de despejo que não está atulhado, até o teto, de coisas que ele comprou na esperança de que pudessem preencher o vazio de dentro e acabaram descartadas, porque não lhe trouxeram aquilo por que tanto ansiava? Coisas materiais são válidas em sua dimensão própria e somente carregam algum valor quando tratadas de modo adequado; mas quando alguém lhes pede que carreguem um valor intrínseco, falham miseravelmente. A única exceção a esta regra é quando um objeto físico carrega esse valor intrínseco porque lhe foi conferido por uma cerimônia ou por se ter tornado um símbolo. Um presente de um amigo pode simbolizar aquele sentimento de amizade existente entre duas pessoas, se foi conscientemente impregnado com esse valor. A coisa material, se não for um símbolo ou um objeto ritual, não vai preenchê-lo com o valor que ele está buscando e irá fazer companhia aos outros tantos, lá naquele quartinho.

Nada é bom ou mau por si mesmo; um homem pode sair num sábado com toda sua parafernália de pesca e passar um dia simplesmente maravilhoso. No sábado seguinte poderá ter um terrível ataque de *anima* e voltar da pescaria com um humor daqueles! É o nível de consciência que vai determinar a diferença entre estas duas experiências. O valor externo e o interno, quando devidamente separados, são ambos profundamente reais; só quando misturados ou contaminados um pelo outro é que poderão causar problemas.

Nenhum homem é senhor de sua casa interior quando possuído pelos humores, porque ali existe um usurpador e ele vai lutar contra esse usurpador. Por azar, ele sempre escolhe batalhar no nível errado - em outras palavras, ele vai lutar com a mulher ou com o meio que o cerca, em vez de encarar a luta interna, que seria a única ação apropriada.

A mitologia descreve a batalha do herói com seu *self* interior como o encontro

com o dragão, e o homem moderno não tem menos batalhas com dragões que o medieval. Você poderá atualizar a mitologia e fazê-Ia dramaticamente viva se puder encontrar um palco moderno no qual sejam encenadas as lutas com o dragão e o drama das formosas donzelas e dos cavaleiros vermelhos.

FELICIDADE

Bons humores não são menos perigosos que os negros. Exigir que a felicidade venha do meio em que se vive é o sombrio ato de seduzir a donzela interior. Isso anuvia o caminho do Graal e tem o mesmo peso de deixar-se seduzir pela formosa donzela, apesar de ser menos óbvio. Portanto, mais difícil de ser detectado.

Eis aqui uma diferenciação que não é fácil de ser percebida, pois só se chega a ela com um bom entendimento psicológico: aqueles humores exuberantes, tipo dono-do-mundo, efervescentes, meio fora de controle ou propósito, tão supervalorizados entre os homens, constituem uma "possessão" perigosa. Tão perigosa quanto estar possuído por humores negros, quando então o homem seduz sua *anima,* agarra-a pelo pescoço e brada: "Ou você me faz feliz ou então... " Isso é aplicar-lhe um golpe baixo para satisfazer às exigências do ego quanto à felicidade ou à busca incessante de diversões.

Cair nas garras de um humor exuberante também é ser seduzido pela mulher interior. Ela o arrebata para as alturas estonteantes da inflação do ego e lhe dá um fac-símile de felicidade, que ele tanto almeja. Tal sedução vai custar-lhe bem caro mais tarde, porque a lei das compensações fará com que depois da euforia sobrevenha uma depressão que vai trazê-Io de volta com os pés no chão. O destino passa muito tempo ou alçando o homem das profundezas de uma depressão ou fazendo-o baixar das alturas de uma inflação do ego. É esse "nível do chão" que os antigos chineses chamavam de *tao,* o caminho do meio. É aqui que existe o Graal e que a felicidade, digna do nome, pode ser encontrada. Não é um nível comum, neutro, ou de concessões, mas um ponto de cores reais, onde se encontram o sentido das coisas e a felicidade. Nada mais ou nada menos que a Realidade, nosso verdadeiro lar.

Outra forma de sedução é sugar o prazer de uma experiência que ainda não aconteceu. Eis aí um passatempo bem americano. Pensamos que é nosso direito nacional "ser feliz", mas no sentido de euforia. Não funciona. Conheço dois

rapazes que planejaram um acampamento. Entusiasmadíssimos, por dias e dias fantasiaram como iria ser maravilhoso. Todas as características dos humores vieram à tona. Partes do equipamento de repente viraram santos graais. O fio de uma faca ou um pedaço de corda foi cultuado. Os dois conseguiram sugar todo o fascínio e a felicidade da experiência muito antes de passar por ela. Soube, depois, que foram até o tal lugar planejado, perambularam por lá durante meio dia, não conseguiram pensar em nada criativo para fazer, resolveram tomar o carro e voltar para casa no mesmo dia - não restava nada lá. Haviam vivido intensamente toda a experiência antes mesmo de realizá-Ia.

O homem ocidental de nossos dias tem algumas idéias básicas deturpadas a respeito da felicidade. Creio que vale a pena atentar para a origem da palavra *felicídade.* Em português ela vem de *feliz,* e do latim, *felix.* Portanto, felicidade implica em ser *feliz.* Em inglês, a palavra é *happiness,* e tem sua raiz no verbo *to happen* (acontecer), portanto *happiness* é que o acontece. Pessoas simples, em partes menos complicadas do planeta, agem de acordo com a definição e exibem uma felicidade e uma tranqüilidade que simplesmente nos assombram. Como pode um camponês da Índia, com tão pouco, ser feliz? Ou como um trabalhador do México, outra vez com tão pouco para ser feliz, aparentar tamanha alegria? Eles conhecem a arte da felicidade: satisfação com aquilo que *é.* Sua felicidade é com aquilo que "acontece". Se você não puder ser feliz com a idéia de que vai almoçar, é bem provável que não será feliz com nada.

Um sábio hindu ensinou que a mais alta forma de adoração é simplesmente *ser feliz.* Mas isso significa felicidade no seu mais profundo aspecto, não um tipo de humor.

Thomas Merton, o monge trapista, disse certa vez que os monges podem ser felizes mas nunca "estão numa boa". Outra forma de diferenciar felicidade de humores.

Alguns homens tentam levar a vida em humores quase eternos, o que é muito cansativo. Jamais vou esquecer o dia em que me dei conta de que não havia necessidade de ceder aos humores. Foi uma revelação! Eu achava que se "pegava" um humor como quem pega uma gripe. Aos poucos, aprendi que o humor é produto de uma inconsciência intencional, que pode ser mudado através da real consciência - aquela da qual que fizemos qualquer coisa para escapar.

É bom saber disso e ser sábio o suficiente para expulsar os humores ou, pelo menos, adiáIos. Não é necessário cair nas garras de uma dessas emanações etéreas inconscientes, vindas de Maya. Elas se aproximam sorrateiramente, rastejando, sem que a vítima perceba. Aí as coisas começam a ficar ameaçadoras. Pois bem, então não aceite, não se deixe seduzir. Não entre nessa areia movediça. É muito fácil cair, mas se soubermos o que está acontecendo não

será preciso deixar-se levar.
Uma pessoa que esteja doente, portanto fisicamente debilitada, fica mais sujeita aos humores, por estar mais vulnerável. Pode não estar se sentindo muito bem, nem lá muito feliz; mas isso não é nenhuma vergonha, nem deve ser causa de mau humor. Também não é preciso entrar em pânico ou depressão, embora, convenhamos, tudo fique muito mais difícil quando estamos doentes.
Podemos contrastar *humor* com *entusiasmo,* que é um dos vocábulos mais sublimes. Vem do grego *en-theos-iasmós*, que significa "estar pleno de Deus". Se alguém está pleno de Deus, uma grande criatividade vai fluir de dentro do seu ser. É uma experiência altamente válida e recompensadora alcançar o entusiasmo. Do lado oposto da balança, é altamente doloroso estar possuído pelos humores.
Assim, se um indivíduo estiver preenchido pela *anima,* também poderá ter criatividade, mas é bem provável que antes do anoitecer ela já se tenha desvanecido. É preciso ser muito sábio para diferenciar se se está preenchido pela *anima* ou por Deus. A maior parte dos homens não sabe fazê-Io. Não é simplesmente olhando para uma pessoa que se vai saber se ela está nas nuvens ilegitimamente e destrutivamente, ou se seu riso brota e vem de Deus. Mas se ela foi carregada pelos humores, então esse riso é uma blasfêmia. Felicidade é totalmente legítima; humor é um convite à depressão, que virá sem nenhuma dúvida logo a seguir.
Seduzido pela donzela interior, o homem se mostra nervoso, tenso, com marcas de ansiedade. E vai pagar caro por essa sedução, e não só ele como todos que estão à sua volta.
Geralmente qualquer humor passa logo, quando se trata de um homem inteligente; se a mulher não o cutucar antes da hora, ele acaba se livrando do ataque de *anima.* Em algum ponto ele conseguirá encontrar seu bom senso e dirá: "Está bem, talvez fosse melhor pensarmos um pouco sobre isso". Mas ele só vai dizer isso se a esposa já não tiver dito cinco minutos antes: "Será que não seria bom pensarmos um pouco sobre isso?" Aí, lógico, ele não conseguirá. Portanto, se ela ficar alfinetando o marido vai ser muito difícil ele sair do seu humor, porque isso vai deixá-lo pior. Já está lutando com uma espécie de sofrimento, e o que precisa é de ajuda, e ajuda feminina, não de estiletadas. É provável que não lhe diga "muito obrigado", mas por dentro estará grato pela ajuda.
Quando a mulher tem de se haver com um homem "humorado", geralmente faz bobagem, porque isso cria uma ansiedade muito grande dentro dela. Imediatamente ela põe para fora o seu paralelo, ou seja, seu *animus*, que é sempre muito cáustico, e dispara: "Agora chega, tudo isso é uma grandessíssima

bobagem, e não precisamos mais ficar pondo panos quentes!" Pois seu impulso é atravessar de qualquer jeito a barreira daquele humor para reencontrar seu homem do outro lado e descobrir o que está se passando. Claro que não vai dar certo, porque isto termina numa guerra infernal entre aquela "mulherzinha ranheta", que surgiu no homem, e o "machão irredutível" surgido na mulher. É a pior das brigas, pois equivale a jogar gasolina no fogo. Vai haver um confronto infernal, *animus* x *anima*, e tudo estará irremediavelmente perdido, porque ambos estão "tomados". Estão nas mãos de Maya, um à esquerda, outro à direita, e poderão desistir de qualquer entendimento, pelo menos enquanto durar o humor.

No entanto, com um toque de genialidade ela encontrará a saída (se for capaz e se realmente o quiser): basta que consiga ser mais feminina do que o humor que está atacando o marido, ou seja, trazer à tona sua feminilidade mais profunda - um contraste com a feminilidade mal-empregada do homem. Isso dará a ele um ponto de realidade do qual poderá partir para livrar-se do seu humor de baixa qualidade. Tem-se de reconhecer que isso é muito, mas muito difícil, porque para ela é uma tentação sacar a espada do *animus* e começar a espetá-lo a torto e a direito.

Todavia, sua feminilidade natural tem poder criativo para ser uma âncora para o homem que se agita no turbilhão de sua feminilidade interior. Isso requer da mulher que ela tenha sua feminilidade bem desenvolvida e consciente. É o resultado das muitas batalhas com os dragões que ela teve de enfrentar para salvaguardar seu reino feminino, no seu próprio interior.

O que a mulher também precisa entender é que o homem tem muito menos controle das eternas alternâncias entre luz e trevas, anjo e demônio, presentes no elemento feminino. Nenhum homem é capaz do mesmo tipo de controle que ela tem dela, e a mulher, se entender isso, poderá ser paciente e compreensiva, enquanto ele bate a cabeça, alguns anos-luz atrás dela, na tentativa de compreender sua feminilidade interior.

O homem ainda é uma criança diante da mulher interior, e por isso fica indefeso quando atacado por ela na forma de um humor. Só que ele não quer conhecimento psicológico; quer é que tomem conta dele. É preciso ser forte para agir contra os humores, e isso pressupõe um ser que se está libertando da infantilidade, ou seja, de seu complexo materno.

Uma esposa poderá ajudar muito se usar de paciência para com ele, deixar de ser crítica, representar para ele a verdadeira virtude feminina: a virtude feminina amadurecida, forte o suficiente para enfrentar a feminilidade espúria que o homem está criando no instante dos humores. Uma coisa é certa, ele vai projetar tudo nela e, convencido, dirá que se casou com uma bruxa. E mais: que seu mau

humor é culpa dela. Talvez ela até esteja sendo ranheta, mas as contas, mesmo, ele terá de acertar com a mulher interior, não com a esposa.
Faz parte integrante da natureza da *anima* e do *animus,* na sua forma primitiva (onde a maioria de nós se encontra), viver de projeções. Assim, quando o homem passa pelos humores, põe a culpa na mulher porque acha que ela o está infernizando. Se a mulher interior está num acesso de violência, ele vai relacionar-se com a de carne e osso no mesmo processo, quer ela concorde ou não. Por outro lado, se ele se relacionar bem com a interior, também terá bom relacionamento com a exterior.
As mulheres que têm de se haver com essa exótica criatura chamada de "o macho da espécie" devem ser mansas quando ele está passando pelos humores, porque nessa situação ele fica impotente e realmente necessita de ajuda. E se há uma regra que precisa ser entendida no casamento é a seguinte: enquanto ele estiver nas garras de um humor, a esposa deverá absterse, se possível, de qualquer julgamento ou crítica. Mais tarde, quando ele tiver recobrado a sanidade, os dois poderão conversar sobre aquilo que os atrapalhou tanto.
Esperar todo esse tempo é duro para a mulher, lógico, mas se ela puder lembrar-se de que o tal humor é basicamente problema dele e não sua culpa, vai acabar encontrando sabedoria para esperar pelo momento mais apropriado, para saber o que causou todos os problemas.
Realisticamente falando, o homem não estará livre sempre dos humores, mas poderá darse conta - mesmo em plena crise - de que está sendo possuído e subjugado por eles. E ao menos puder dizer a si próprio que está sofrendo de um ataque de *anima,* o homem já está sendo parcialmente lúcido. Se ainda conseguir dizer à esposa: "Olha, estou de mau humor, não é tua culpa, mas dá um tempo, tá?" ele estará fazendo a ela um grande favor, e este gesto já começará a libertá-Io. A batalha estará meio ganha assim que ele reconhecer que são os humores que o estão possuindo.
Em nosso mito, Parsifal e Branca Flor são o exemplo perfeito do relacionamento correto entre o homem e sua mulher interior. Estão próximos um do outro, cada um deles dá alento ao outro e traz um significado maior à vida. E não há sedução. Esta é a definição sublime do homem e sua mulher interior; mas se os mesmos termos fossem usados para o homem e a mulher de carne e osso, seria uma história da carochinha. A má interpretação desses dois níveis traz a destruição aos que seguem as regras medievais de como ser um cavaleiro. Os relacionamentos interiores têm suas leis de conduta inexoráveis; assim como as condutas exteriores também têm as suas, mas diferenciadas. Não as misture.

IV - O CASTELO DO GRAAL

Mas voltemos à nossa história.
Depois de deixar o castelo de Branca Flor, Parsifal viaja o dia todo em sua heróica busca e, ao cair da noite, pergunta a um viajante se por ali havia algum alojamento ou taverna onde pudesse passar a noite. Foi informado de que a habitação mais próxima estava a cinqüenta quilômetros dali.
Um pouco mais adiante encontra um lago e um homem num barco pescando. O jovem fazlhe a mesma pergunta. O pescador, claro, era o Rei Pescador, que então o convida para passar a noite em sua humilde morada: "Desce pela estrada, há um caminho, vira à esquerda e cruza a ponte levadiça". Parsifal segue as instruções e assim que atinge a ponte levadiça ela começa a erguer-se e chega a tocar as patas traseiras de seu cavalo, antes de se fechar rapidamente atrás dele.
É muito perigoso entrar no Castelo do Graal, a casa do Rei Pescador, e muitos jovens perdem sua montaria ao fazer a transição do mundo comum, do dia-a-dia, ao imaginário, ao simbólico mundo do Castelo do Graal.
Parsifal vê-se então no átrio de um enorme castelo, onde quatro pajens acorrem para cuidar do seu cavalo. Depois despem-no, dão-lhe banho, vestem-lhe ricas roupas vermelhas e o conduzem à presença do senhor do castelo, o Rei Pescador, que pede desculpas por não conseguir levantar-se da sua liteira para saudá-Io como ele o merecia. Toda a corte está presente - quatrocentos cavaleiros com suas damas - para saudar Parsifal, e uma esplendorosa cerimônia tem lugar.
Um cenário de tamanha grandiosidade já mostra que Parsifal entrou no mundo interior, a morada do espírito, o lugar da transmutação. Especialmente quando o número quatro é ressaltado - quatro pajens, quatrocentos cavaleiros e damas, uma grande lareira central de quatro faces marcando os pontos cardeais -, já se pode esperar o esplendor do mundo interior. Sabe-se que o simbolismo do número quatro significa a presença da integralidade ou totalidade. É verdadeiramente o Castelo do Graal, onde é guardado o Santo Graal da Última Ceia.
A magnífica cerimônia prossegue. O Rei Pescador, como sempre, jaz gemendo em agonia e desespero em sua liteira; uma procissão se inicia com uma formosa donzela que traz a lança que verte sangue continuamente, a que trespassou o flanco direito de Cristo; outra donzela traz a pátena que também foi usada na

Última Ceia, e, finalmente, uma terceira donzela carrega o próprio Santo Graal.[11]

11.Há um lugar correto para a mulher interior na psicologia do homem: é ela a mediadora entre ele e os valores luminosos do mundo interior. (N. A.)

Um grande banquete é servido, e quem o preside é o Rei Pescador, mas sem levantar-se da liteira. E a todos é dado aquilo que desejam, vindo do Graal ou da pátena, antes mesmo que formulem seu desejo. Todos, à exceção do Rei Pescador, que por causa de sua ferida não pode beber do Graal. Seu sofrimento é o maior de todos.

Uma sobrinha do rei traz uma espada com a qual o próprio rei cinge a cintura de Parsifal. Ela deverá ficar com o jovem pelo resto de sua vida, o que significa que, neste momento, ele ganha sua masculinidade e poder para completar todas as tarefas que tiver de realizar por toda a vida.

Parsifal fica sem palavras diante do presente, e pelo resto da noite pasma-se diante de cada acontecimento que presencia. Pode-se imaginar o que sente este inexperiente rapaz do campo, num castelo onde tão estranhas e solenes cerimônias transcorrem, especialmente a magia do Graal. Parsifal está simplesmente embasbacado.

Outro presente ainda estava à sua disposição no Castelo ao Graal, mas Parsifal não passa no teste. Gournamond recomendara ao jovem, durante seu treinamento, que quando encontrasse o Graal deveria formular a específica pergunta: *"A* quem serve o Graal?" Se ela fosse formulada, as bênçãos da grande cornucópia, o Graal, seriam derramadas. Sem a pergunta, poder-se-ia beber dele, mas sua dádiva de generosidade não fluiria. Parsifal lembrava-se da recomendação, mas também se lembrava de que havia recebido de sua mãe instruções específicas para nunca fazer muitas perguntas. Aparentemente é um bom conselho para um rapaz falastrão, mas neste caso é quase fatal. O conselho da mãe prevalece e ele fica mudo diante do esplendor do Castelo do Graal.

É perfeitamente compreensível que um jovem com 16 anos não encontre forças ou coragem para formular a pergunta mais importante da vida em tal momento. Para formulá-Ia ele precisaria ser consciente.

Mais do que isso, porém, e de importância capital: havia uma lenda no Castelo do Graal que dizia que no dia em que por lá aparecesse um jovem tolo, totalmente ingênuo, e fizesse uma pergunta ao Graal, as feridas do Rei Pescador

cicatrizariam. Todos no castelo, menos o Parsifal, conhecem a lenda e esperam ardentemente que o jovem - que sabidamente tem todos os atributos descritos pela lenda - formule a pergunta que restabeleceria a ordem das coisas.
Mas Parsifal não o faz, e em pouco tempo o Rei Pescador é conduzido aos seus aposentos gemendo e lamentando-se, em total agonia. Os cavaleiros com suas damas dispersam-se e Parsifal é escoltado por quatro pajens ao seu quarto.
Na manhã seguinte, ao despertar, o rapaz não vê vivalma. Bate às portas e não obtém resposta. Dirige-se ao pátio e ali encontra seu cavalo selado e pronto para partir. Grita, ainda, mas somente ouve o eco da própria voz. Nada, ninguém. Monta e dirige-se à ponte levadiça, que uma vez mais se fecha muito rapidamente e atinge de novo as patas traseiras do animal (outra vez a perigosa transição). É a volta ao mundo comum. Não há mais castelo à vista e o tolo-ingênuo volta ao reino "onde não há qualquer habitação num raio de cinqüenta quilômetros".
O Castelo do Graal é o local da mais preciosa feminilidade, e o Graal é a síntese de tudo que é feminino, é o seu mais puro símbolo, a quintessência da expressão feminina. É exatamente o que os cavaleiros buscam por toda a vida, porque é o que dá ao homem tudo o que deseja, antes mesmo que ele venha a pedir. É a perfeita felicidade, o próprio êxtase.

O CASTELO DO GRAAL PERDIDO

O evento mais importante que ocorre na vida interior de um indivíduo é mostrado na história do Castelo do Graal. Todo jovem tropeça mais dia menos dia com o Castelo do Graal lá pelos 15 ou 16 anos e tem um *insight* que vai modelar muita coisa pelo resto de sua vida. Assim como Parsifal, ele também não tem preparo para isso, nem o domínio necessário para formular a pergunta que tornaria a experiência consciente e estável dentro dele. Não se pode esperar que um rapazinho faça outra coisa senão perambular pelo castelo, embasbacar-se e na manhã seguinte encontrar-se de volta ao mesmo mundo comum - se não perder a montaria na ponte levadiça.
Muitos são os homens que se lembram de alguns instantes mágicos da fase da adolescência, quando o mundo todo brilhava com uma beleza transcendental, difícil de pôr em palavras. Talvez esse momento estivesse num amanhecer ou num instante de glória em alguma quadra esportiva, ou, ainda, numa caminhada

solitária, quando se dobra uma esquina e de repente o esplendor total do mundo interior surge à nossa frente.
Nenhum jovenzinho consegue lidar com essa abertura dos céus, e por essa razão a grande maioria a põe de lado, embora não a esqueça. Outros acham-na muito perturbadora, então preferem reprimi-Ia e fingir que nada aconteceu: "Não me lembro de nada disso". Mas, como todas as coisas reprimidas no inconsciente, longe de nos livrarmos delas, as reencontramos em todos os lugares, atrás de cada árvore, em todas as esquinas, olhando-nos por detrás das pessoas que encontramos. A forma de "algo" indefinido que faz com que os jovens fiquem irrequietos nas noites de sábado, fazendo cantar os pneus em cada curva, as loucas corridas de carro a 160km/h nas estradas, ou as drogas que ceifam vidas jovens, são ecos nem tão distantes da fome do Castelo do Graal. A busca se traduz por várias modalidades.
Muito do comportamento juvenil caracterizado como "galinho garnisé" é um desvio dessa experiência do castelo. Machuca tanto que ele não consegue suportar, por isso tenta persuadir-se de que é "durão" para escapar à dor.
Se a experiência for muito forte para um garoto, ela praticamente pode incapacitá-lo. Aquele jovem que perambula pela vida aparentando desmotivação, sem metas, geralmente foi o menino que ficou meio cegado por essa experiência do castelo.
Uma minoria, no entanto, fica tão impressionada pela visão do que isso representa que, como Parsifal, passa o resto da vida buscando o Castelo do Graal uma vez mais. E só é preciso "descer a estrada, virar à esquerda e cruzar a ponte levadiça". Mas a simplicidade do "endereço" é tão grande que efetivamente o esconde da vista. Quantas vezes já não voltamos a um lugar onde o amanhecer ou o pôr-do-sol nos pareceu brilhar magicamente, para ver se a procissão do Graal ainda se encontra lá? A impressão do Castelo do Graal permanece indelével na mente de um homem, e se for bastante forte nele vai inspirá-lo ou persegui-lo pelo resto de seus dias.
Algumas pessoas são suficientemente sábias, corajosas e honestas para recordar fatos assim. Poetas falam sobre tais manhãs da sua adolescência, quando descobrem a beleza e o êxtase de um mundo dourado.
Lembro-me de um rapaz de 15 anos que me contou ter acordado numa manhã de verão e pulado a janela para ir apreciar o sol nascente. Depois voltou pelo mesmo caminho, tornou a dormir e, ao acordar, desceu para o café da manhã como se nada houvesse acontecido. Estivera no Castelo do Graal por duas horas, de manhãzinha.
Um garoto acorda com algo novo dentro de si, um poder, uma percepção, uma força: é o Castelo do Graal. Sente-se incapaz de descrevê-Io e não é capaz de

permanecer nele. Depois dessa experiência, porém, nunca mais será o mesmo. Para ele trata-se de algo sagrado. Ali conheceu a felicidade perfeita, a plenitude, a satisfação absoluta. Uma vez fora do Castelo, ele passa a se sentir infeliz, pois nada há que possa substituí-Io. Mesmo que consiga suprimi-Io de sua consciência, vai-lhe fazer tanta falta que isso vai torturar seu inconsciente.
Há um provérbio medieval que diz ser possível a uma pessoa alcançar o mundo perfeito, ou sentir o esplendor de Deus, por duas vezes na vida: a primeira, na adolescência, e a segunda, por volta dos 40, 50 anos. Assim, também Parsifal voltará pela segunda vez e saberá fazer a pergunta. Da primeira, não sabia como agir. Aliás, nenhum menino o sabe, quando ele surge pela primeira vez. Quando o perde, ao final de sua primeira experiência, sai à procura do Graal perdido, incessantemente, sem parada ou descanso, na ânsia de reencontrar a beleza apenas vislumbrada. Sua fome espiritual força-o a escalar o que for escalável, a tudo testar na busca do castelo perdido, porque só o Graal traz a plenitude. Se alguém já teve tudo isso uma vez, como viver depois uma vida comum?
Essa ânsia pelo seu reencontro se reflete em tudo; é aterrador ter de enfrentá-Ia dentro de nós. O homem que tiver coragem suficiente vai compreender o que estou falando. Esta ânsia deve ser saciada. O indivíduo sabe que deve conseguir algo, mas não sabe bem o que.
As técnicas de propaganda jogam com essa ânsia do homem. Não estou lá muito certo sobre o grau de consciência desses profissionais, mas o que sei é que sabem muito bem manipulá-Ia. Pode-se vender qualquer coisa ao apelar disfarçadamente para o Graal.
Aí se encontram também o principal apelo e a excitação que levam o homem às drogas. É uma fórmula mágica que o conduz de volta ao êxtase do Graal. Elas levam você à experiência extática e trazem um legítimo mundo visionário; mas isso é conseguido por um caminho errado e a um preço tenebroso. A maneira correta, ainda que não necessariamente demorada, implica uma longa caminhada. E sem atalhos. Se alguém trapacear durante o processo, a ponte levadiça pode fechar-se no momento errado, transformando-se numa armadilha que leva à loucura ou a um sofrimento infernal.
É terrível observar os homens - e isso é verdadeiro para quase todos - quando pensam que algo ou alguém vai preencher a ânsia pelo Graal; nenhum preço será suficientemente alto.
Mesmo que soubesse que iria morrer no dia seguinte, o indivíduo faria qualquer coisa para conseguir a plenitude que o Graal lhe confere. É uma atitude irracional, que praticamente não conhece fronteiras.
É quase um consenso universal, entre filósofos e poetas do mundo ocidental, o conceito de que a vida é trágica. *Tragédia* é um bom termo para designar o que

estamos observando; o homem, em sua busca pelo Graal, é o próprio homem trágico. A palavra *tragédia* passou a significar a busca daquilo que não se pode alcançar ou ter. Este é o homem ocidental, e isso também se aplica ao Castelo do Graal. Lá pela metade da vida encontramo-nos famintos de algo que não podemos ter. Eis a dimensão trágica da vida.

Pergunte a um chefe de família como ele vai indo. Podendo dar uma resposta franca, com certeza dirá a mesma coisa que um conhecido meu me disse, muito sinceramente, quando lhe fiz essa pergunta: "Bem, Robert, vai-se levando..." Nesse momento o Graal está muito longe. A meiaidade é o período em que ele está atuante, cumprindo seus deveres, pagando as prestações da casa, mantendo o estudo dos filhos e o próprio emprego. Mas também é uma época de insatisfação, porque dentro dele está presente a ânsia do Graal.

Vamos tentar estabelecer agora um paralelo com a vida de uma menina. Ela, na verdade, nunca sai do Castelo do Graal. Um ponto que precisa ficar compreendido é que as mulheres têm naturalmente a noção da beleza, sentem que estão perfeitamente integradas. Sempre estão à vontade em qualquer parte do Universo, o que já não acontece com o homem. Não acho que ele seja menos criativo que a mulher, não; só que a criatividade dele se manifesta mais diretamente. Ele cria a partir da sua inquietude; ela, a partir do que sempre foi. Parsifal partiu para infinitas aventuras como cavaleiro; Branca Flor sempre ficou em seu castelo.

Dizem que Einstein afirmou: "Hoje em dia usufruo aquela solidão que me era tão dolorosa na juventude". É o Castelo do Graal restaurado. Ele o mereceu por uma vida calcada no heroísmo do cavaleiro moderno.

A ponte levadiça é uma" dica" a respeito da natureza do Castelo do Graal. Ele não é um lugar físico, não pode ser encontrado como se fosse um local exterior. Fica melhor descrito como um *nível de consciência.* É uma realidade interior, uma visão, uma experiência mística, da alma. Buscá-lo exteriormente vai exaurir o *self* e trazer desânimo. Ainda assim, nossa devoção às coisas externas como sendo a única realidade é tão forte que, para a grande maioria de nós, requer um drama para estimular a busca interior. Até isso é suspeito, pois o Graal está sempre ao alcance da mão, e é conseguido de forma mais eficaz ao retirarmos os véus que o recobrem do que através de qualquer ato de criação.

Um dito medieval cristão reza que "procurar por Deus é insultar Deus". Isto significa que Ele é onipresente e qualquer intento de buscá-lo é uma negação do fato. Um amigo cirurgião gosta de dizer: "Não conserte o que ainda não está quebrado". É o mesmo que dizer: "Não procure o que já está nas suas mãos" . Mas nós somos ocidentais e temos de buscar para aprender que não existe busca. Uma história chinesa ilustra bem esse ponto: certo dia um peixe ouvia alguns

homens conversando no cais a respeito de uma substância milagrosa chamada *água*. Ficou tão intrigado que reuniu seus amigos peixes e solenemente anunciou-lhes que iria empreender a busca desse elemento maravilhoso. Fizeram uma cerimônia apropriada para a ocasião e o peixe partiu para seu objetivo. Tempos depois, quando já era dado por morto, eis que ele nadou de volta para casa: velho, cansado, acabado! Apressaram-se todos a saudá-Io e ansiosamente aguardavam pelas notícias: - Como é, você encontrou, encontrou mesmo? - Sim - respondeu o velho peixe -. Mas vocês não iriam acreditar no que eu descobri! - E, dizendo isso, o peixe afastou-se nadando lentamente.
Mas por que Parsifal não foi capaz de fazer a simples pergunta que lhe teria aberto as portas de um mundo glorioso e posto fim à agonia do Rei Pescador, cicatrizando-lhe a ferida? Recebeu instruções para fazê-Io, e até parece um ato estúpido a sua falha. Mas não é bem assim; a ingenuidade impediu-o de perguntar.

O COMPLEXO MATERNO

Você se lembra daquela roupa tecida em casa que a mãe de Parsifal lhe deu? Pois bem, é exatamente esse elemento, que o jovem usa embaixo de sua armadura, que o impede de valorizar o Graal quando o vê pela primeira vez. Enquanto estiver enclausurado no seu complexo materno o homem não conseguirá apreciar plenamente o Graal, ou, bem pior, formular a pergunta que cicatrizará a ferida do Rei Pescador. Fazer com que um jovem se despoje da "roupa que sua mãe lhe fez" é uma tarefa árdua. Muitos jamais conseguem despir-se de seu complexo materno, cujo simbolismo é a "roupa tecida pela mãe". Para analisar esse ponto crucial teremos de fazer uma digressão e falar a respeito do homem e suas relações com o feminino.
* Há seis relacionamentos básicos que o homem mantém com o mundo feminino. Os seis lhe são úteis, e cada um tem a sua nobreza. Os problemas e dificuldades surgem quando um se mistura com o outro. E essas dificuldades são essenciais na passagem do homem pela vida. Os seis elementos femininos no homem são:
* Sua mãe natural. É a mulher real, física, que o gerou; sua mãe, com suas idiossincrasias e características pessoais; um ser único.
* Seu complexo materno. Isso diz respeito unicamente a algo dentro dele

mesmo. É sua característica regressiva que gostaria de voltar à dependência materna e a ser criança novamente. É o desejo de fracassar que está dentro dele mesmo, sua característica de derrota, sua fascinação subterrânea pela morte ou pela fatalidade, sua necessidade de ser cuidado. É puro veneno na psicologia do homem.

* Seu arquétipo-mãe. Se o complexo materno é veneno puro, o arquétipo-mãe é puro ouro. É a metade feminina de Deus, a cornucópia do Universo, a mãe-natureza, a generosidade que emana livremente, que nunca nos falha. Não poderíamos viver um instante sequer sem a generosidade, a liberalidade do arquétipo-mãe. É confiável sempre, sempre alimenta e sustém.

* Sua formosa donzela. É o componente feminino na estrutura psíquica de todos os homens, a companhia interior ou a inspiração de sua vida, a formosa donzela. É Branca Flor, a *fair lady* de cada homem, a Dulcinéia de *Dom Quixote,* a Beatriz de Dante em *A Divina Comédia.* Ela é quem dá sentido e colorido à vida dele. Jung chamou-a *anima,* a que anima e traz vida.

* Sua esposa ou parceira. É a parceira de carne e osso que partilha sua jornada pela vida, sua companheira.

* Sophia. É a Deusa da Sabedoria, a metade feminina de Deus, *Shekinah* no misticismo judaico. Cai como um raio para o homem descobrir que a Sabedoria é feminina; mas todas as mitologias a retrataram como tal.

Essas seis características femininas são úteis para o homem, até mesmo o complexo materno, que, por certo, é o mais difícil. Fausto teve de apoiar-se no seu complexo materno para chegar ao Lugar das Mães, na sua redenção final, na obra-prima de Goethe. Só a mescla ou a contaminação desses diferentes níveis é que causa angústias. A humanidade tem uma incrível tendência a fazer tal confusão. Vamos passar em revista algumas dessas misturas e verificar a destruição que elas promovem.

Se alguém misturar a mãe natural, física, com o complexo materno, vai acabar culpando-a pela característica regressiva que é o próprio complexo materno, em seu interior: vai enxergá-Ia como aquela bruxa que está tentando derrotá-Io. É comum o jovem culpar a mãe, ou a mãe substituta, pelo seu complexo materno regressivo.

Se ele misturar a imagem da mãe interior com o arquétipo-mãe, vai esperar que sua mãe de carne e osso faça o papel da sua deusa protetora, papel, entretanto, que só o arquétipo pode desempenhar. Ele vai fazer exigências ridiculamente excessivas ao mundo como figura materna, e vai cobrar do mundo um sustento que ele sente que lhe é devido de preferência que não exija esforço de sua parte.

Se ele contaminar sua *anima,* ou a formosa donzela, com sua imagem interior de mãe, vai querer que sua mulher interior seja mãe para ele.

Uma mistura que ocorre muito é a superposição de mãe e esposa. O homem que faz isso vai esperar que sua esposa o adote como filho, em vez de ser uma companheira para ele. Vai querer que ela preencha suas necessidades como a personificação da mãe.
Já que Sophia não é um aspecto marcante na vida dos homens em geral, esse componente não está sempre presente. Mas, no caso de estar, e se o homem confundir Sophia com mãe, vai colocá-Ia como a deusa da sabedoria de uma forma que nenhum ser humano consegue manter. "Mamãe-sabe-tudo" e o arquétipo-Sophia fazem uma péssima combinação.
Deixo as outras misturas ou contaminações para que você mesmo pesquise. Todas são negativas. Não é o feminino que é negativo, somente o é a contaminação dos níveis de consciência.
Portanto, se Parsifal fracassou ao não fazer a pergunta foi por não haver despido a roupa que sua mãe lhe fez. Seu complexo materno privou-o de poder e discernimento para seguir o que Gournamond lhe recomendara. Nenhum homem pode ligar-se permanentemente ao Castelo do Graal se seu complexo materno se interpõe entre ele e a força masculina, que é inata. Isso significou vinte anos arduamente gastos como cavaleiro andante, até que Parsifal conseguisse despir essa roupa e chegasse a ser um homem suficientemente forte para suportar a beleza do Graal - símbolo máximo do arquétipo-mãe. Enquanto envolto nas roupas tecidas pela mãe, ele não pode participar do Graal, a não ser em um ou outro encontro fortuito. Tampouco pode curar a ferida do seu Rei Pescador. Os anos de aventuras que lhe restam, Parsifal os passa tentando despi-Ia.
Como já ficou dito, existe uma segunda chance de voltar ao Castelo do Graal na meiaidade. Apesar de o Graal estar sempre bem próximo e à disposição a qualquer momento, é aos 16 e aos 45 anos, ou seja, nos períodos de transição, nos dois marcos da vida de um homem, que ele é mais facilmente encontrado. Aquela procissão miraculosa acontece todas as noites no Castelo do Graal; mas é somente em tempos particulares na vida - quando está preparado para tal - que o homem pode ter acesso fácil ao esplendor do Castelo do Graal.
Teoricamente deveria ser possível permanecer no castelo quando da primeira ida. Os monges beneditinos, na Europa Medieval, observaram essa possibilidade na prática monástica. Pegavam meninos recém-nascidos e os criavam no Castelo do Graal sem nunca permitir que dele saíssem, psicologicamente falando, claro. Jamais eram expostos às pressões do mundo; nada de namoro ou casamento, bens materiais ou poder no sentido mundano.
Nunca conheci pessoalmente alguém que tenha tido essa experiência, e também não creio que fosse exeqüível para alguém dos dias de hoje, salvo para quem ainda tenha uma mentalidade medieval.

Outra seita monástica da Índia tenta outra maneira de assegurar o Castelo do Graal. Mantém meninos do nascimento aos 16 anos na clausura. Nessa idade se casam e voltam a ficar enclausurados pelo resto da vida, depois do nascimento do primeiro filho. Assim, o espaço entre as duas entradas no castelo é só de um ano, em vez de quase trinta, ou seja, os anos que separam os 16 dos 45. Uma vez mais, isso é possível para personalidades com estruturas medievais bem simples, mas não para nós. (E nos pomos a pensar no que é feito da esposa e filho!)
É importante observar os elementos femininos para ver como agem e, depois, compará-Ios com os masculinos. Há quem interprete o mito como sendo uma guerra entre a violência masculina e o elemento redentor feminino, mas ambos são conduzidos a um equilíbrio, ao final, na forma do Rei do Graal.
É dito que a lança que verte sangue sem cessar é a mesma que Caim utilizou para matar Abel; a mesma, ainda, que abriu o flanco direito de Jesus Cristo na cruz. Portanto, é a lança que tem causado os grandes males de todas as épocas, e é por isso que ela não pára de sangrar.
Parsifal oscila entre um masculino empunhar de lança, ou espada, e uma ânsia feminina de achar o Graal. Estas duas tendências se entre cruzam com freqüência. No castelo, Graal e lança são guardados juntos, o que representa a integração da agressividade masculina com a alma do homem, sempre na busca de amor e união. Se essas duas tendências não conseguirem equilibrar-se, provocarão grandes conflitos interiores.
A lança é redimida quando usada durante a Crucifixão para cumprir um propósito sagrado. É redimida através do sofrimento.
O machismo só é redimido pelo sofrimento. A mulher quase sempre é condenada a ficar em silenciosa agonia, torcendo as mãos nervosamente, vendo seu homem partir para uma situação perigosa. Mas é bem bom que se abstenha de qualquer ação, porque enfrentar o perigo pode significar a redenção dele. Se ele for inteligente, não vai demorar muito a resolver a situação, nem ela lhe causará sofrimentos em demasia. (Acontece, porém, que os homens não primam pela inteligência nesse ponto.) Portanto, a espada, ou a lança que sangra, é redimida pelo sofrimento.
Eis aí um conceito desconhecido no Oriente, e seus filósofos vêem nosso simbolismo e perguntam: "Para que tanta sanguinolência?"
O atual fascínio pelas religiões orientais é a própria busca do Graal. O Oriente nunca se fraturou como nós, os ocidentais, o fizemos. Os orientais jamais dividiram o mundo em secular e sagrado de uma forma tão violenta como a nossa. Nenhum oriental que siga as tradições se afasta muito do Castelo do Graal. Seus mestres nos observam e perguntam: "Por que, pelos céus, tanta pressa e tanta ânsia?" Alguém nos mencionou como "aquelas aves de rapina

arianas". Um povo com tal voracidade na eterna busca é mesmo impressionante. Na medida em que uma cultura - como acontece com a ocidental - assume sua vocação conquistadora, vai sempre ter de se haver com lanças e espadas sanguinolentas. Essa tendência tipicamente ariana de nossa cultura nasce do nosso fracasso no Castelo do Graal.
Existe um caminho legítimo para chegar lá. Há paralelos muito elucidativos entre Cristo e a jornada de Parsifal. As duas histórias se assemelham em muitos pontos, com a diferença bem grande de que Cristo, o grande sábio, promove sua busca no sentido perfeito. Mesmo assim, teve de passar por todos os estágios. Quando aos 12 anos foi ao templo e censurou seus pais, estava entrando pela primeira vez no Castelo do Graal, por assim dizer. Tocou algo muito grandioso - sua força, sua masculinidade. Não foi terrivelmente ferido pela experiência porque a compreendeu. Mais tarde teve de voltar ao castelo para fazê-Io sua residência permanente. Fez tudo isso de maneira muito sábia, deixando-nos o protótipo para que o pudéssemos seguir. Gosto do velho mito do Graal, do século XII, porque nos oferece um caminho mais terra a terra e humano. Encontro dentro de mim mais de Parsifal do que do grande mártir.

V - OS ANOS ESTÉREIS

Parsifal partiu do Castelo do Graal e agora é necessário o merecimento para retornar. Envolve-se numa longa série de aventuras como cavaleiro andante, e isso vai fortalecê-lo o suficiente para que possa pedir sua segunda entrada no castelo.
Ele encontra uma jovem em grande sofrimento envolvendo nos braços o namorado morto. Ela lhe explica, entre lágrimas e soluços, que seu cavaleiro havia sido morto por outro cavaleiro, enfurecido por algo que Parsifal havia feito em uma de suas primeiras bravatas ingênuas. E Parsifal tem de arcar com essa culpa. (O assassino era o namorado da donzela da tenda, que, louco de raiva pelo que Parsifal havia feito, atacou o primeiro cavaleiro que passou pelo seu caminho.) A jovem, então, pergunta-lhe por onde havia andado e, quando ele diz que estivera no castelo local, ela lhe responde que num raio de cinqüenta quilômetros não havia nenhuma habitação. Todavia, pelos detalhes descritos por ele, ela deduz: "Ah, então você esteve no Castelo do Graal!" (Geralmente as

mulheres sabem muito mais dessas experiências do que os homens.)
A seguir, muito brava, repreende-o por não haver feito a pergunta que cicatrizaria a ferida do Rei Pescador e livraria o castelo de seu encantamento. Tudo culpa dele! As culpas estavam-se acumulando. E o que irá acontecer? Cavaleiros continuarão a ser assassinados, donzelas a ser humilhadas, as terras permanecerão estéreis, o Rei Pescador seguirá sofrendo, haverá muitos órfãos. Tudo, tudo por culpa de Parsifal que não cumpriu seu dever, não fez a pergunta que lhe cabia.
Afinal, a jovem pergunta a Parsifal como ele se chamava (até esse ponto da narrativa seu nome não havia sido mencionado). Só agora deixa escapar que seu nome é *Parsifal.* Até ir ao castelo jamais tivera a menor idéia de quem fosse; não tinha nenhuma percepção da própria individualidade. Só após ter estado lá é que vem a saber quem é.
Parsifal prossegue sua jornada e encontra outra donzela chorando (a da tenda). Também ela havia sofrido pelas trapalhadas dele nas suas primeiras andanças, pois seu cavaleiro a vinha maltratando desde aquele episódio. E igualmente o censura por não haver formulado a importantíssima pergunta no castelo. Além disso, adverte-o de que a espada que lhe fora dada no Castelo do Graal irá quebrar-se quando ele a usar pela primeira vez, e só poderá ser soldada pelo mesmo armeiro que a forjou. Uma vez consertada, jamais voltará a partir-se.
Eis aí um bom conselho, mesmo para um jovem: o equipamento masculino que ele carrega, à imitação do pai e professores que estão ao seu redor, não vai favorecê-lo quando tentar usá-lo para si. Todo jovem tem de passar pela humilhação de dar-se conta de que essa imitação da masculinidade não funciona. E, mais, que só o pai que lhe deu a espada é que poderá consertá-Ia. O que significa que aquilo que foi dado por um pai somente pode ser reparado pelo pai. Isso porque essa masculinidade que ele manifesta vem de seu pai e não funciona para ele porque tenta agir como seu pai agiria. Faz-se necessário outro pai, o pai espiritual, um padrinho, para consertar o que foi transmitido pelo pai mas que não o favoreceu no uso desse valiosíssimo bem.
Parsifal vence muitos cavaleiros, manda-os todos à corte de Arthur, salva muitas formosas donzelas, levanta cercos, protege pobres, mata dragões - todas as coisas boas que o homem deve fazer na metade da vida. Esse é o processo cultural para fazer com que uma civilização funcione. Sorrimos ao ouvir histórias sobre dragões e encantamentos em castelos, mas sofremos coisas assim em nossos tempos da mesma forma que qualquer homem medieval. Hoje chamamos invasão de complexos, humores e sombra, mas acho a velha linguagem pelo menos tão descritiva quanto a nossa, se não mais.
Depois que tantos cavaleiros vencidos se apresentaram a Arthur, a corte está

tumultuada por causa desse herói que da primeira vez não foi reconhecido como tal. Querem todos que Parsifal volte para ser devidamente homenageado. Só que não sabem do paradeiro do maior cavaleiro de todos os tempos, exatamente como o havia qualificado a donzela que não rira por seis anos. Arthur sai ao seu encalço e promete não dormir duas vezes na mesma cama enquanto não encontrar esse herói maravilhoso, a flor do seu reino.
Uma curiosa experiência acontece com Parsifal, que estava acampado não muito longe da corte. Um falcão ataca três gansos em pleno ar, ferindo um deles, e três gotas de sangue caem sobre a neve perto de Parsifal. Quando ele vê o sangue, imediatamente cai num transe de amor, lembrando-se de Branca Flor. Fica paralisado pelas três gotas de sangue e não pode pensar em nada além da jovem. E é nesse estado que o encontram os homens de Arthur, totalmente imobilizado. Tentam levá-lo à corte. Parsifal luta com eles, resiste, e acaba por quebrar o braço de um daqueles homens. E não um qualquer: é justamente o que esbofeteara a donzeIa que gargalhou depois de seis anos sem um sorriso, e o mesmo que atirara Parsifal contra a lareira. E o jovem cavaleiro havia jurado vingar a afronta. A jura foi cumprida e a donzela, vingada.
Gawain, o terceiro cavaleiro, gentil e humildemente pergunta se Parsifal gostaria de acompanhá-lo à corte de Arthur. O jovem aquiesce.
Em outra versão da história, o sol derrete a neve e dissolve duas das três gotas de sangue, libertando Parsifal do encantamento. É possível que ele ainda estivesse lá, no seu transe amoroso, não fosse o sol derreter duas das três gotas de sangue, ou não tivesse Gawain chegado para resgatá-lo.
É curioso o simbolismo em ação nesta parte da história. Quando sonhos ou mitos apontam para números, é certo que profundos pontos do inconsciente coletivo estão agindo. Você se lembra da grande ênfase dada ao quatro no Castelo do Graal? Aqui é o número três que foi ressaltado. O quatro parece ser a linguagem do inconsciente coletivo para paz, totalidade, plenitude e tranqüilidade. O três, por seu lado, representa necessidade, imperfeição, inquietude, esforço, consumação. Tendo sido profundamente tocado pela quaternidade do Castelo do Graal, Parsifal precisa agora lidar com a trindade da vida do aqui-e-agora: seus amores, sua busca como cavaleiro, seu lugar na corte de Arthur - coisas do aqui-e-agora que lhe exigem atenção. Ninguém pode retornar ao castelo antes de passar pelas dimensões humanas da vida.
A vida se torna complicada quando dominada pelo três; é preciso reduzi-lo a um ou aumentá-lo para quatro. O três, ou aquela consciência representada pelo três, não pode suportar por muito tempo sua intensidade sem propulsão. Se alguém se vir diante de um dilema insolúvel, precisará de um impulso para ir adiante e alcançar o *insight* da iluminação, a quaternidade, ou então terá de reduzir sua

consciência para apenas sobreviver.
Jung passou grande parte de seus últimos anos trabalhando no simbolismo do três e do quatro. Sentiu que a humanidade estava saindo daquele estágio de consciência representado pelo três, para alcançar o representado pelo quatro. Em 1948 e 1949 ele se rejubilou com o dogma da Igreja Católica que colocou a Virgem Maria com a Trindade - todas elas figuras masculinas - no Céu. Jung sentiu que isso completava um estágio antigo, ainda por atingir de todo o seu desenvolvimento, que tem trazido tantos conflitos e intranqüilidade ao mundo ocidental. O símbolo precede o fato em muitos anos, o que mostra que a possibilidade está agora aberta para nós; mas a obra ainda não foi completada.
Jung também sentiu que o trabalho real do homem moderno seria o de promover a expansão da consciência representada pela evolução do três para o quatro - da consciência devotada ao fazer, ao trabalho, à realização, ao progresso - para aquela caracterizada pela paz, pela tranqüilidade, pelo ser existencial. O cerne da questão é que o quatro contém o três, mas o três não pode conter o quatro. Alguém que tenha a plena consciência do quatro é capaz de realizar todas as coisas práticas da vida, mas sem ficar preso a elas. O que está no mundo do três não é capaz de apreciar os elementos associados ao número quatro.
Aparentemente, estamos em um nível no qual a consciência do homem está partindo da visão trinária para a quaternária. É um caminho possível e bastante sério para avaliar o extremo caos em que está mergulhando nosso mundo de hoje. Ouvem-se muitos sonhos de pessoas dos nossos dias que nada sabem, conscientemente, a respeito da simbologia dos números e, não obstante, sonham com o três transformando-se em quatro. Isto sugere que estamos passando por uma evolução de consciência que vai do todo-ordenado conceito masculino da realidade - a visão trinitária de Deus - para a quaternária, que inclui o feminino, assim como outros elementos difíceis de ser colocados também, se se insistir nos valores antigos.
Parece-nos ser agora o propósito da evolução substituir uma imagem de perfeição pelo conceito de plenitude e totalidade. Perfeição sugere algo totalmente puro, sem mácula, pontos escuros ou áreas questionáveis. Totalidade inclui as trevas, mas mescladas com os elementos da luz, resultando em um conjunto mais real e completo do que qualquer idealização. É uma tarefa assustadora, e a pergunta que enfrentamos é se a humanidade será capaz ou não deste esforço e crescimento. Preparados ou não, estamos no processo.
O Ano de Maria veio e foi-se, e nos pareceu ter caído no esquecimento, além de ter tido poucos efeitos em nossa vida. Se conseguíssemos, porém, ver este extraordinário evento da maneira correta, ele teria um profundo efeito na teologia e, por conseqüência, no nosso dia-a-dia.

Quando se confere dignidade e honra ao quarto elemento, ele passa a não ser mais nosso adversário; somente quando excluímos uma verdade psicológica é que ela se torna negativa ou destrutiva. Fica batendo à porta insistentemente - por assim dizer - para entrar, e isso pode parecer-nos algo muito ruim. Um elemento que mostra seu lado mau só precisa de consciência para que possamos dar-lhe um lugar útil em nossa estrutura. Nós mesmos criamos os elementos demoníacos ao excluí-los, pois é sabido que tudo aquilo que é rejeitado pela psique se torna hostil.
O homem tem visto seu lado sombrio como feminino e, ao empurrá-lo cada vez mais para as profundezas do seu ser, acabou por transformá-lo numa bruxa. Grande parte da escuridão do elemento rejeitado durante a Idade Média era feminino - daí a caça às bruxas e as fogueiras. E isso não se constituiu apenas de incidentes isolados que ganharam muita notoriedade. Estima-se que mais de quatro milhões de mulheres foram queimadas nos patíbulos no auge da contrareforma na Europa.
Agora, é uma formidável tarefa incorporar em nossa personalidade esses elementos vistos como escuros até um tempo atrás; a rejeição de um elemento tão sombrio é perigosa. Mas se alguém antagonizou o lobo por tanto tempo, não pode simplesmente abrir a porta e dizer-lhe: "Seja bem-vindo" .

VI - A DONZELA TENEBROSA

Parsifal é escoltado em triunfo até a corte de Arthur e ali torna-se o centro de todas as atenções, o maior cavaleiro de todos os tempos no ciclo arthuriano. Em sua homenagem prepararam três dias de festivais e torneios. Parsifal certamente o merece, mas sem querer tropeça em suas inevitáveis conseqüências. Quantas vezes ele enfia os pés pelas mãos! É extremamente tranqüilizador ver como essas antagônicas situações o levam ao estágio seguinte em sua evolução. Não fosse por esses fatos, caracterizados sempre pela bondade, todos os Parsifais do mundo teriam despencado da borda do mundo plano e caído no merecido esquecimento. Dom Quixote, o eterno arquitolo, percorre sua sublime jornada totalmente pontilhada pelo absurdo.
No auge das festividades dos três dias, a mais horripilante das donzelas aparece como um desmancha-prazeres. Vem montada numa mula velha e decrépita,

manca das quatro patas. Traz os negros cabelos arranjados em duas tranças. Eis sua descrição no mito:

Negros cabelos, divididos em grossas tranças, da cor do ferro preto eram suas mãos e unhas qual garras;
os olhos, juntinhos, como os dos ratos,
ventas de gato e chimpanzé,
os beiços, como os dos burros e bois.
Barbada era ela, corcunda no peito e costas,
lombo e ombros retorcidos como as raízes de uma árvore.
Jamais em corte real fora vista donzela igual.

Sua missão era a de mostrar, durante o festival, o reverso da medalha. Aliás, uma tarefa que executa com genialidade. Todos os presentes ficam paralisados. Ela então cita um a um os erros e atos estúpidos cometidos por Parsifal, além da pior de todas as falhas: não ter formulado a pergunta no Castelo do Graal. Mostra a situação de penúria em que ficou reduzido o reino por causa disso e termina culpando o cavaleiro por todos esses graves acontecimentos. Desfia um sem-número de histórias dos cavaleiros que foram mortos devido aos fracassos de Parsifal, assim como das donzelas infelizes, das terras devastadas, das crianças feitas órfãs. Apontando-lhe o dedo, diz a Parsifal: "É tudo culpa tua!" O cavaleiro é humilhado e silenciado diante de toda a corte que, instantes antes, o colocava nos céus.
Com a mesma certeza de que o sol se põe, a Donzela Tenebrosa irromperá na vida de um homem sempre que ele atinge o ápice do sucesso.
Existe uma estranha correlação entre a realização do homem e o poder que a Donzela Tenebrosa exerce em sua vida. Quanto mais alto ele chega mais aumenta sua suscetibilidade ao sofrimento e à humilhação. Fama e adulação provenientes do mundo exterior adquirem o sentido de fracasso e falta de significado da vida. É o que vai descobrir nas mãos da Donzela Tenebrosa. Poderíamos até imaginar que a própria realização deveria ser a melhor proteção contra essa sensação de fracasso e falta de sentido, mas não é bem assim. É mais provável que o homem auto-realizado seja aquele que vai fazer aquelas perguntas sem respostas sobre o valor e o significado da vida. Este questionamento, freqüentemente chamado de "a escura noite da alma" na teologia medieval, tem um jeito meio esquisito de exigir atenção às 2 horas da manhã. Alguém observou soturnamente que são sempre 2 horas da manhã quando se cai "na escura noite da alma".
A Donzela Tenebrosa é a portadora da dúvida e do desespero, é a característica

que estraga e destrói qualquer homem inteligente quando o visita durante a meia-idade. É quando o sabor da vida se esvai. É como se essa megera lhe sussurrasse: "De que adianta ir ao escritório? Que diferença faz isso? Que é que tem de bom nisso? Por quê?"

A mulher há muito que deixou de interessá-lo, os filhos, ou são difíceis ou já saíram de casa; o barco novo já não o entusiasma mais; as últimas férias não foram lá tão boas. Exatamente quando ele começa a ter tempo e meios para gozar as coisas da vida é que elas perdem para ele o seu significado. Eis aí o trabalho da Donzela Tenebrosa.

É por essa época que o homem vive desfiando um rosário de queixas indefinidas. Seu estômago é a presa predileta da megera. Também é possível que tente uma nova amante, e a expressão "idade do lobo" é bem apropriada.[12]

Quando esta Donzela Tenebrosa aterrissa sobre alguém torna-se quase que fatal a tentativa de livrar-se dela arrumando uma "outra". Ou seja, ele sente uma grande necessidade, nesta etapa da vida, de encontrar uma nova Formosa Donzela como escudo protetor contra a Donzela Tenebrosa. A não ser, porém, que ele primeiro faça as pazes com o elemento escuro, nenhuma donzela, velha ou nova, seja como for, irá livrá-lo da etapa de trevas em sua vida.

Aqui aprendemos o que fazer quando a nossa própria megera nos aparecer. Ela é muito útil, por isso não devemos ingerir sedativos e mandá-Ia embora. Não devemos nem nos esconder dela nem dissuadi-Ia de seu propósito. Nós, homens, quando estivermos na faixa dos 40-50 anos e a virmos aproximar-se fazendo suas terríveis acusações, não devemos tentar escapar-lhe. Fugir às acusações é um impulso universal, mas totalmente errado. É preciso que fiquemos com ela, nos sentemos em frente a ela e agüentemos firmemente todo o tempo que ela, encarapitada em sua mula, levar apontando nossos erros. Porque é certo que depois de sua longa preleção vai-nos despachar de volta à nossa busca. É esta a razão de sua existência. E é voz comum achar que o período-Donzela-Tenebrosa deve ser evitado e tratado como uma enfermidade a ser curada. Banir suas trevas é neutralizar a chance de evolução que ela possibilita.

---

12. V. *A Idade do Lobo,* de Elyseu Mardeganjr., obra que trata da crise do homem na meia-idade. Editora Mercuryo, São Paulo, 1993. (N. T.)

A mulher revelará sabedoria se conseguir, primeiro, ficar calada, mas muito calada, na presença do seu homem, quando ele estiver passando por esse período de trevas. É o que a protegerá de ser travestida de megera pela projeção que ele,

alegremente, vai fazer da Donzela Tenebrosa. Segundo, para que ele possa catar os cacos e consiga apreender o resultado dessa duríssima experiência. Portanto, o melhor presente que ela poderá dar-lhe é o 'estar-ali'.
Este arauto das trevas realiza um importantíssimo ato de individuação na corte. Ela distribui tarefas a cada cavaleiro presente: cada tarefa, uma busca individual. Até esse passo de evolução, todas as tarefas eram desempenhadas comunitariamente, ou seja, os cavaleiros partiam em grupos, ou pelo menos aos pares, para lutar contra um dragão atrevido, ou para levantar um cerco de um castelo. Mas depois da visita da Donzela Tenebrosa todas as tarefas são individuais e únicas. Cada cavaleiro tem de ir só, encontrar seu próprio caminho, encetar uma batalha solitária em sua busca. Soluções coletivas ou em grupo cessam aqui.
Essa mudança na conduta básica é a única resposta útil ao desespero trazido pela Donzela Tenebrosa. Quando o homem sabe que está só, somente ele numa busca solitária, conseguirá sair da etapa de trevas trazida pela Donzela Tenebrosa. Todo sofrimento psicológico (ou felicidade, tomada na sua acepção comum) é uma questão de comparação. Quando alguém aceita a solidão de sua jornada não há comparação possível, pois está naquele mundo existencial onde as coisas simplesmente *são.* Neste reino não há nem felicidade nem infelicidade, na acepção comum, mas somente aquele estado de ser que é corretamente chamado *Êxtase.*
É difícil dar o braço a torcer e admitir que isso é o presente trazido pela Donzela Tenebrosa, mas não há outro portador de tão sublime dádiva. Talvez esse conhecimento fosse sabido pelo autor do seguinte refrão medieval: "O sofrimento é a montaria mais veloz para chegar à redenção".
Honrar a Donzela Tenebrosa e aceitar seu novo ponto de vista da natureza da busca é embarcar na segunda metade da vida. Dela, Parsifal aprende que sua tarefa na nova missão é encontrar o Castelo do Graal pela segunda vez. Jura que não dormirá no mesmo leito duas vezes até que reencontre o mundo das visões. A Donzela Tenebrosa lembra à corte que a busca do Graal requer a castidade dos cavaleiros e, ato contínuo, se afasta coxeando. Sua tarefa estava concluída.
Pela enésima vez advirto-o de que a castidade requerida nessa jornada não tem nada que ver com sua conduta em relação à mulher de carne e osso, que tem suas regras próprias. A castidade referida nessa busca é "que ele nunca seduza ou se deixe seduzir pela mulher interior" em termos de possessão da *anima* ou, Deus nos livre, dos humores. Todos os cavaleiros, à exceção de Parsifal (e de Sir Galahad, na versão inglesa), fracassam em sua busca. Isto significa que haverá muitos fracassos na busca principal da vida, mas é absolutamente necessário que aquela consciência (Parsifal) permaneça fiel à busca. A perfeição ou a conquista

de pontos não é obrigatória, mas consciência, sim.

VII - A LONGA BUSCA

Parsifal passa muitos anos - e muitas das versões falam em vinte anos - em suas aventuras como cavaleiro. Acontece-lhe de tudo, torna-se mais amargo, mais desiludido, cada vez mais duro. Distancia-se mais e mais de sua amada Branca Flor, sua consciência feminina. Às vezes nem sabe mais por que está usando a espada em sua jornada. Na sua busca vence cavaleiros sem saber a razão, sentindo cada vez menos alegria e menos compreensão.
São os anos estéreis da meia-idade do homem. Sabe cada vez menos por que está agindo e dá respostas evasivas quando perguntado sobre o significado de sua vida.
Parsifal, então, depara-se com um grupo de peregrinos andrajosos que perambulava pela estrada. Perguntam-lhe: "Pelos céus, que fazes cavalgando assim com tua armadura no dia da Morte de Nosso Senhor? Não sabes que hoje é Sexta-Feira Santa, homem? Vem conosco ao eremita da floresta, confessa-te na preparação do Domingo de Páscoa".
Parsifal de repente dá-se acordo de suas sombrias quimeras. Vem-lhe à lembrança o que sua mãe lhe ensinara sobre a Igreja. Recorda-se de Branca Flor, do Castelo do Graal, e é atingido pela nostalgia e pelo remorso. Então, levado mais pela inércia do que pela inspiração, segue os peregrinos até o ermitão.

O EREMITA INTERIOR

O eremita é um aspecto altamente introvertido de nossa natureza que tem esperado e armazenado energia lá num canto, bem retirado, à espera desse momento. A extroversão, usualmente, é a dominante na primeira metade de nossa vida, e isso é correto. Mas quando as manifestações da extroversão de um indivíduo tomam as rédeas no período mais fértil da sua jornada na vida, ele vai

precisar consultar lá dentro o eremita, aquele que mora numa casinha na floresta, para depois dar o próximo passo.
É algo que nós fazemos pouco e ainda malfeito em nossa cultura, e são raros os que sabem como apelar para a preciosidade de sua natureza introvertida para esse próximo estágio. O que acontece com freqüência é que as pessoas são forçadas à introspecção ou por uma doença ou por acidente ou, ainda, por algum tipo de sintoma que a incapacite por algum tempo. Ou ainda por qualquer outra coisa.
O eremita é uma figura nobre que o servirá muito bem se você se dirigir a ele com dignidade, honrando-o. Na verdade sobra muito pouca dignidade quando se é arrastado ao seu reino por alguma doença ou acidente; mas, de um jeito ou de outro, ele o receberá, lá pela metade da sua jornada, com ou sem dignidade de sua parte.
Para fazer justiça ao eremita é preciso que se fale, ao menos um pouquinho, daqueles cuja natureza-eremita é tão forte que se torna a manifestação predominante em sua personalidade. Para servir à humanidade, essas raras pessoas nascidas eremitas (espíritos profundamente introvertidos) precisam manter-se na cabana da floresta (psicologicamente falando, claro), solitárias, concentrando as energias advindas dessa característica crucial e de altíssimo valor.
Por outro lado, conhecerão poucas experiências do tipo Cavaleiro Vermelho e serão poucos os louros da vitória. Hoje em dia pessoas assim recebem raríssimos incentivos e parcos elogios, e quase sempre levam a vida como solitárias. Chega um dia, porém, em que esse talento faz-se absolutamente necessário para promover a transição - um outro estágio de vida - para eles mesmos ou para alguém de seu meio. Só o fato de saber disso já é uma salvaguarda para eles. Por favor, seja bom para sua própria característica-ermitão ou para aquele que nasceu ermitão, e que faz parte de seu círculo de amizades! Se seu filho é um eremita nato, não o pressione a que embarque em experiências tipo Cavaleiro Vermelho. Deixe-o seguir seu caminho pela floresta.
Quando Parsifal se vê cara a cara com o eremita, passa por uma experiência muito semelhante à que vivenciou com a Donzela Tenebrosa. Antes que o cavaleiro abrisse a boca, o velho eremita, usando de clarividência, o acusa, recitando uma longa lista de suas falhas e erros. Outra vez o pior de tudo havia sido seu fracasso ao não formular a pergunta que sanaria todos os males no Castelo do Graal.
Logo o eremita suaviza o tom e diz que tudo que lhe acontecera havia sido por causa de sua mãe. O jovem não conseguira conduzir-se corretamente com a mãe, e, todavia, seguira servilmente seus conselhos. Essa é uma característica do

complexo materno que leva a extremos: ou muito em excesso, ou pouco em excesso, ao mesmo tempo. Seu complexo materno o impedira de livrar o castelo do encantamento. Mas agora o eremita o absolve e leva-o à estrada com recomendações para que ande um pouco pelo caminho, vire à esquerda e cruze a ponte levadiça. O Castelo do Graal sempre está assim, bem perto, mas geralmente é na adolescência ou na meia-idade que fica mais fácil encontrá-Io.
Exatamente neste ponto, o grande poema francês de Chrétien é interrompido! Alguns acham que ele morreu, outros, que o resto do manuscrito se perdeu. Acho mais provável que o autor tenha deliberadamente parado neste ponto por não ter mais nada que dizer. Essa grande história tirada do inconsciente coletivo foi tão longe na sua evolução que o autor teve a humildade de interromper a narrativa quando se deu conta de que não havia mais nada que acrescentar.
Penso que o mito progrediu um pouco mais, coletivamente falando, até os nossos dias. É uma história inacabada dentro de nós, plena de poder, e requer mais trabalho. Se você desejar uma verdadeira tarefa de cavaleiro, tome a história dentro de você como ela está, inacabada, e desenvolva-a. Verdadeiramente, cada um de nós é Parsifal, e sua jornada é a nossa própria jornada.
Outros autores[13]
tentaram concluir o mito, seguindo Chrétien de Troyes, mas nenhum final é satisfatório, convincente. Poderemos tomar uma dessas conclusões e levar Parsifal para a sua segunda visita ao Castelo do Graal.
Ele está ali mesmo, caminhando um pouco e virando à esquerda. Se alguém for suficientemente humilhado, e tiver coração, poderá encontrar esse castelo interior. Parsifal teve sua arrogância esmagada pelos vinte anos de busca infértil, e agora está preparado para entrar em seu castelo.

A SEGUNDA VISITA AO CASTELO DO GRAAL

"Andando um pouquinho pela estrada, vire à esquerda e cruze a ponte levadiça, que tocará as patas traseiras do seu cavalo." É sempre perigoso fazer a transição dos níveis que envolvem o Castelo do Graal.
Parsifal encontra tudo como era antes: o Rei Pescador continua sofrendo, e lá está também a mesma procissão cerimonial; a formosa donzela traz a lança que perfurou o flanco direito de Cristo, outra carrega a pátena na qual foi servida a Última Ceia, e outra, ainda, traz o Graal. O rei ferido está recostado em sua

liteira, gemendo, nos limites entre a vida e a morte.
Agora, maravilha das maravilhas, com vinte anos a mais, maturidade e experiência nas costas, Parsifal formula a pergunta que é a maior contribuição para a humanidade: "A quem serve o Graal?"
Que pergunta estranha! Dificilmente é compreendida pelos ouvidos de hoje! Em sua essência, a pergunta é a mais profunda que alguém poderia fazer: onde está o centro de gravidade da personalidade? ou onde fica o centro do significado da vida humana? Hoje, a maioria das pessoas - se lhe fosse feita essa pergunta em termos perfeitamente compreensíveis para a nossa época - responderia: *"Eu* sou o centro de gravidade; *Eu* trabalho para melhorar minha vida; *Eu* estou trabalhando para conseguir minhas metas; *Eu* estou melhorando minha imparcialidade; *Eu* estou *me* melhorando". Ou, o mais comum: *"Eu* estou buscando *minha* felicidade", o que significa dizer que "eu quero que Deus me sirva".
Perguntamos a essa grande cornucópia da natureza, a esse grande extravasamento feminino de todas as coisas do mundo - ar, mar, animais, petróleo, florestas e toda a produtividade do mundo. -, perguntamos se nos serviria.
Uma vez feita a pergunta, a resposta vem reverberando através dos salões do Castelo do Graal: "O Graal serve ao Rei do Graal". Uma vez mais, uma resposta intrigante. Traduzida, significa que a vida serve ao que os cristãos chamariam Deus, Jung chamaria o *Self,* e nós chamaríamos por outros nomes com os quais designamos aquilo que é maior do que nós mesmos.
Mas também é possível usar uma outra linguagem, mais simples, se bem que menos poética. Jung fala do processo da vida como sendo a recolocação do centro de gravidade do ego para o *Self.* Ele vê isso como o trabalho de toda uma vida e o centro de todo o significado para o esforço humano. Quando Parsifal aprende que ele não é o centro do Universo - nem do seu pequenino reino -, fica livre da alienação e, por fim, o Graal deixa de ser vedado a ele. Agora pode entrar e sair do castelo pelo resto de sua vida, quando quiser. Nunca mais será um estranho nele.
Ainda mais estonteante, o Rei Pescador ferido se levanta, curado, alegre em triunfo! O milagre aconteceu e a lenda sobre sua cura materializou-se. Na ópera *Parsifal,* de Wagner, o rei ferido se levanta nesse instante e canta uma lindíssima ária de triunfo, poder e força. É o ponto culminante da narrativa!
Quem é, porém, o Rei do Graal, do qual nunca tivemos qualquer explicação até agora? Ele é o verdadeiro senhor do reino e habita o centro do Castelo do Graal. Vive somente do Anfitrião e do Vinho do Graal, é uma sutil e disfarçada imagem de Deus, a representação terrena do Divino, ou, nos termos jungianos, o *Self.*

Torna-nos humildes aprender que só ficamos sabendo sobre esse centro interior quando estamos preparados para ele, e quando cumprimos nosso dever de formular uma pergunta coerente. O objetivo da vida não é a felicidade, mas servir a Deus ou ao Graal. Todas as buscas do Graal são para servir a Deus. Se entendermos isto e jogarmos fora essa noção medíocre de que a finalidade da vida é a felicidade pessoal, então nos daremos conta de que essa fugidia qualidade está ao alcance de nossa mão.

---

13. Os autores são os seguintes: Gauthier de Doulens, Manessier e Gilbert de Mostreil. (N. T.)

Esse mesmo motivo aparece num mito contemporâneo, O *Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien. O poder deve ser retirado daqueles que poderiam abusar dele. No mito do Santo Graal a fonte do poder é dada a um representante de Deus. No de Tolkien, o anel do poder é tirado de mãos maldosas que poderiam usar seu poder para destruir o mundo, e devolvido ao seu lugar de origem, a que ele pertence. Mitos mais antigos ainda falam da descoberta do poder e da sua emergência da terra para as mãos do homem. Os mais recentes falam de retornar a fonte do poder à terra ou às mãos de Deus, antes que nos destruamos com ele.[14]

Um detalhe na história merece uma observação especial: Parsifal só necessita *perguntar;* não é preciso responder à pergunta. Quando alguém se sentir desencorajado, certo de que não vai conseguir nunca a articulação necessária para descobrir a solução de enigmas insolúveis, poderá lembrar-se de que, apesar de constituir dever do ego fazer uma pergunta bem formulada, não lhe é exigido respondê-Ia. Perguntar bem é virtualmente responder.

O regozijo explode no Castelo do Graal; o Graal é trazido e seu alimento é dado a todos, inclusive ao recém-curado Rei Pescador, e a paz perfeita, a alegria e o bem-estar são estabelecidos. Mas que dilema! Se você pedir ao Graal que lhe dê a felicidade, esse mesmo pedido obsta a felicidade. Por outro lado, se você servir ao Graal e ao Rei do Graal de maneira correta, descobrirá que aquilo que acontece e a felicidade são a mesma coisa. E isso é a definição de *iluminação.*

Encontramos um tema idêntico, numa linguagem muito diferente, nos "Dez Quadros de Pastoreio", do zen-budismo. Consiste em uma série de dez quadros nos quais a evolução do homem, até a iluminação, é retratada através de um boiadeiro e seu touro. Quadro a quadro, o artista foi mostrando os passo para a iluminação. No primeiro, o jovem herói procura seu touro perdido, sua natureza

interior, o instinto; no segundo, ele encontra as pistas do animal; no terceiro, ele o vê. A série continua até o nono quadro, no qual o herói doma o touro, estabelece um relacionamento de paz com o animal e senta-se tranqüilamente observando a cena. A pergunta aparece nesse ponto: "Observa as águas que correm. Para onde vão ninguém sabe; e as flores vermelho-vivo - para quem são?" O autor, Mokusen Miyuki faz uma reflexão a respeito destas palavras e diz que assim poderiam ser traduzidas literalmente: "As águas correm seguindo sua natureza, e a flor é vermelha por sua própria natureza". O termo chinês *tsu,* "seguindo sua própria natureza", é usado como um composto: *tsu-jan*, no ensinamento taoista. Pode significar *naturalidade*, como decorrência da espontaneidade criativa da natureza, dentro e fora. Em outras palavras, *tsu-jan* psicologicamente pode significar a realidade viva da auto-realização ou o anseio criativo do *Self* manifestando-se na natureza.

A série de quadros culmina no décimo, quando o herói, em plena paz, caminha sem ser notado através das ruas do povoado. Nada há de extraordinário nele, só que todas as árvores florescem à sua passagem! O questionamento do significado das águas correndo, ou do vermelho da flor, vindo de uma fonte tão distinta quanto o zen-budismo, intensifica nosso entendimento dessa busca.

Um francês, Alexis de Tocqueville, que esteve na América do Norte há mais de um século, foi muito perspicaz em algumas observações que fez sobre a forma de viver do americano. Diz ele que esse povo tem uma idéia enganosa na sua Constituição: perseguir a felicidade. Não pode persegui-Ia; ao fazê-lo, ele a enevoa. Por outro lado, se ele der continuidade à tarefa do homem na vida, ou seja, a recolocação do centro de gravidade da personalidade em algo maior, fora dele, a felicidade será decorrência.

Neste ano de Nosso Senhor estamos só começando a formular a pergunta do Graal: temos mesmo o direito de derrubar as árvores, empobrecer o solo e matar todos os pelicanos? A resposta está começando a ficar clara; as sílabas da pergunta que estão sendo balbuciadas já são audíveis. Se pudermos ouvir essa velha narrativa de um tolo-inocente que tropeçou com o Castelo do Graal da primeira vez, mas que mereceu abrir seu caminho da segunda vez, poderemos então encontrar sábios conselhos para nossa atual forma de viver.

---

14. Não nos esqueçamos de que na história de Arthur e a Távola Redonda, Excalibur volta a Nimue, a Senhora do Lago, pelo mesmo motivo. Reza a lenda que está esperando para voltar, quando a humanidade estiver pronta para ter o poder nas mãos. (N. T.)